

Vivianne Furtado Marzola

**O mito apócrifo de Madalena e a mulher contemporânea
Uma pesquisa sobre aspectos do feminino
em um grupo de mulheres**

**COGAE – PUC SP
2009**

Vivianne Furtado Marzola

**O mito apócrifo de Madalena e a mulher contemporânea
Uma pesquisa sobre aspectos do feminino
em um grupo de mulheres**

Monografia apresentada ao COGEAE - PUC –
SP para obtenção do título de Especialista em
Abordagem Junguiana, sob a orientação do
Prof Dr Durval Luiz de Faria.

COGEAE – PUC SP

2009

*Às Mulheres que caminham
na estrada da minha vida:*

*Às Mães,
Cuidadoras,
Protetoras,
Conselheiras,
Amigas,
Guerreiras,
Profanas,
Desorientadas,
Românticas,
Amantes,
Sábias,
Iluminadas
e à Maria Madalena.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela minha vida e pela oportunidade de tê-los como “guias” no meu caminho de evolução.

Ao meu marido pelo seu amor e apoio na busca e conquista de meus ideais.

Ao meu filho que é fonte de amor e pelo seu sorriso que ilumina minha estrada.

Ao meu irmão pelo seu carinho e cumplicidade.

Aos professores deste curso que me ensinaram através dos desafios a crescer como ser humano.

Ao meu orientador Prof. Dr. Durval pelos ensinamentos e pela possibilidade da concretização desse trabalho e sonho.

Aos mestres da minha vida que estiveram ao meu lado diante de cada conquista.

Aos meus amigos pela verdadeira amizade.

Aos meus “guias” de jornada e a Deus que me protege e me ilumina a vida com fé e amor.

O Sagrado Reencontro

Encoberta pela névoa do tempo,
ela aguarda sozinha no jardim,
velada, seu nome obscurecido,
a desamparada Rosa.
Contraparte perdida do Logos, a Palavra,
Filho do Pai,
razão e justiça,
eterno Ele.
Eros esquecido,
Eros apaixonado,
Eterna Ela,
Deixada, prostrada, no chão.

“A Noiva é tão negra-
porém formosa-
quanto as tendas de Quedar.
Não olhe para ela, pois que é morena,
o sol crestou-lhe a tez.
Lavrou nos vinhedos do irmão,
e a própria videira não guardou”(Cântico dos Cânticos 1:5-6).

A Noiva,
Ressecada do labor
sob o sol ardente,
morena, seca e sem forças.
Madona Negra,
mãe dos pobres e aflitos,
uva ressecada de Deus,
queimada sob os impiedosos raios
do Logos vencedor, juiz, guerreiro.
Imagem masculina de um Deus soberano
no trono celeste-
sozinho.

Ela o buscou com avidez,
mas soldados avançaram sobre ela,
atacaram-na, feriram-na,
os guardiões dos muros.
Sua dor se espalha agora
no ícone de Czestochowa,
um atalho em sua face,
a ferida, a desamparada – a Delericta.

Noli Me Tangere:
“Não me toques.”
Por séculos o eco:
Noli Me Tangere.

Aquele que ascendeu,
adorado e glorificado –
intocável,
Leão de Judá e Cordeiro de Deus
sentado ao lado do Pai,
governando -
sozinho.

Mas, agora, finalmente, ele a busca.
Clama por ela.
Ele reconhece o nome da Rosa.
Exausta e árida
na desventura,
ela o ouve gritar seu nome.
Emocionada, ergue a cabeça e olha ao redor.
“Quem está aí?”

O coração bate mais forte.
“Seria ele?
Teria voltado para me buscar?”
O jardim onde ele a deixou
é hoje um deserto –
ferido, seco e árido.
As árvores atrofiadas,
rios de águas claras
agora apenas córregos.
Um bosque de espinhos
cerca o jardim,
impedindo a entrada.
Com a espada da verdade
ele deve abrir caminho
para alcançar sua amada.

Afinal ele a encontra
ainda abraçada ao vaso de alabastro.
Suas lágrimas de alegria caem aos pés dele.
Mais uma vez, ela as seca com o próprio cabelo.
Mas agora ele pega a sua mão.
“Venha, amada minha, a hora é esta.
Vamos correr juntos pelos campos,
descobrir se o vinhedo está em flor”(Cântico dos Cânticos 7:13).
Agora, de mãos dadas,
eles caminham pelo jardim deserto.
E onde os seus pés tocam
uma violeta surge do chão,
uma anêmona se levanta.

Em seu despertar,
botões germinem nos galhos secos.
“Nunca mais te chamarão ‘desamparada’;
nem a tua terra se denominará ‘desolada’;
mas chamar-te-ão ‘minha amada’,
e tuas terras, ‘desposada’”(Isaías 62:4).

Ele sussurra o nome dela,
Apreciando o sabor,
deliciando-se na Noiva de seus anseios.

Maria.

(Starbird, 2004 pp.195-197)

RESUMO

TÍTULO: O mito apócrifo de Madalena e a mulher contemporânea: Uma pesquisa sobre os aspectos do feminino em um grupo de mulheres

ALUNA: Vivianne Furtado Marzola

ORIENTADOR: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

PALAVRAS CHAVE: Maria Madalena - feminino – sombra – sagrado – individuação

O presente trabalho teve como objetivo geral aproximar a imagem arquetípica do feminino representado por Maria Madalena à experiência das mulheres contemporâneas. Visamos possibilitar um melhor atendimento clínico às mulheres contemporâneas, a partir de uma leitura simbólica da imagem arquetípica de Maria Madalena, segundo o enfoque da Psicologia Analítica.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos o método qualitativo e o procedimento foi um grupo vivencial com mulheres na faixa etária entre 35-45 anos. Utilizamos como técnica uma vivência simbólica e imaginação dirigida para que pudéssemos detectar e recolher o material simbólico. Realizamos a vivência a partir das etapas da *anima* descritas por Von Franz (1977): a mulher carnal, a romântica, a espiritual e a sábia.

Os resultados dessa pesquisa apontam a influência de inúmeros aspectos psicológicos, que aproximam o mito apócrifo de Madalena às mulheres contemporâneas. Entre estes aspectos destacam-se a dificuldade e o desejo em lidar com a dimensão carnal; a abertura e a entrega às dimensões do amor romântico, do amor universal e da sabedoria; a força transformadora do amor; sentimentos de gratidão, contemplação e plenitude no amor universal; o amor universal associado à sabedoria; a noção de Totalidade presente no amor universal e no conhecimento (Sophia) e a importância da busca pelo autoconhecimento.

Os resultados sugerem que as mulheres contemporâneas podem vivenciar todas as dimensões do feminino, integrando os aspectos dos desejos carnis, do amor romântico, do amor universal e do conhecimento.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Fundamentação Teórica	18
1.1 O feminino como sombra.....	19
1.1.1 Lilith.....	21
1.1.2 Eva e o pecado original (Mito da Criação).....	23
1.1.3 O corpo como sombra.....	24
1.1.4 Maria Madalena – profana.....	25
1.2 O feminino como luz.....	28
1.2.1 Virgem Maria.....	28
1.2.2 Maria Madalena – sagrada.....	30
1.3 O Evangelho de Maria Madalena.....	34
1.4 Etapas Arquetípicas na vida de Maria Madalena.....	36
1.5 O casamento de Jesus e Maria Madalena.....	39
1.6 Maria Madalena e o Graal.....	41
2. Objetivos.....	44
3. Método.....	45
3.1 Método Qualitativo.....	45
3.2 Participantes da Pesquisa.....	46
3.3 Procedimentos para coleta de dados.....	47
3.4 Procedimentos para análise de dados.....	54

4. Análise dos resultados e discussão.....	57
4.1 Considerações sobre o processo grupal.....	79
5. Considerações Finais.....	80
Anexos.....	83
Referências.....	105

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema “O mito apócrifo de Madalena e a mulher contemporânea: uma pesquisa sobre aspectos do feminino em um grupo de mulheres” surgiu de forma inesperada.

Meu desejo inicial era estudar o fascinante Mito do Graal, que se originou a partir de um sonho no ano de 2007, quando me via com três mulheres ao redor de uma mesa e, após me levantar, encontrava um cálice de madeira com uma hóstia numa prateleira. Erguia o cálice e a hóstia e os raios de sol se refletiam na minha testa. Ao olhar no canto da sala avistei um homem de cabelos castanhos na altura dos ombros, que vestia uma capa marrom. Ele me olhou fazendo um gesto de afirmação e consentimento com a cabeça e, naquele momento, eu novamente coloquei o cálice na prateleira.

Na época trabalhei em terapia o significado do sonho como a representação do Graal e do Feminino na minha vida.

A partir deste momento comecei a me interessar pela possibilidade da escolha desse tema na monografia para que pudesse aprofundá-lo. Adquiri vários livros e num desses surgiu o tema Graal vinculado à imagem de Maria Madalena, o que me encantou e trouxe reflexões sobre a importância de se resgatar o feminino, possibilitando novas descobertas e novos caminhos.

Segundo Bogado (2005):

Guiando-nos através de seu desejo, Maria Madalena agora nos convida a mergulhar as águas profundas, as nossas próprias águas. Talvez ela nos lembre que ser capaz de compaixão é também ser capaz de ir com o outro até as profundezas de seu sofrimento e de sua dor. Deste mergulho desperta uma força que nos resgata, quando do profundo da dor emerge uma força antes desconhecida, que nos levanta, que nos liberta, que nos transforma e que nos fortalece. É uma dor que se transforma através do significado. (p.133).

Maria Madalena é um mistério, uma mulher que traz o feminino na dimensão da sombra e da luz. Pelo mito, é a mulher que parte do feminino - profano e, através do amor, da compaixão e da autotransformação encontra o feminino-divino (sagrado). É um caminho com obstáculos, com profundos mergulhos em busca de algo significativo, proporcionando uma ampliação de consciência favorecendo o processo de individuação.

Maria Madalena apresenta-se como uma imagem arquetípica do Feminino.

Abordamos a imagem de Maria Madalena do ponto de vista simbólico e não como realidade histórica.

Leloup (2000) nos aponta o desejo de síntese, de totalidade de Madalena:

Ela é uma mulher que quer tudo. O homem e Deus. Não somente o homem, o homem só não lhe basta; não somente Deus, Deus só não lhe basta. Porque ela está na terra, está em seu corpo. Ela quer os dois. Ela quer a Síntese. E assim Maria Madalena, em cada um de nós, é este desejo de Síntese. Este espírito da não-dualidade entre a matéria e o espírito, entre a vida carnal e a vida espiritual. (p.214).

Acreditamos que Maria Madalena no seu universo simbólico possa nos oferecer um caminho para o resgate do Princípio Feminino e a reconexão com o divino. Através dos supostos “pecados” de Maria Madalena, nós mulheres, ao invés de ficarmos perdidas em nossa sombra podemos resgatá-la, trazendo luz à consciência.

Atualmente as mulheres não vivem apenas o papel de esposa e mãe, mas assumem posições profissionais e conquistam outros espaços que antes lhes eram negados. Essa liberdade e mudanças exigem um profundo esforço e dedicação, que demandam que antigos padrões de comportamento sejam abandonados.

Harding (1985) nos descreve que essas mudanças no comportamento da mulher têm produzido um enorme conflito interno entre a necessidade de expressar-se através de seu trabalho e a necessidade interna de viver de acordo com sua natureza feminina.

Por essa razão, a relação de uma mulher com o Princípio Feminino é um problema universal para todas. Trata-se hoje da urgência e necessidade de autoconhecimento, de uma reflexão e busca de uma nova identidade de acordo com essa essência feminina.

Cavalcanti (1993) nos aponta o momento da mulher:

A mulher está vivendo o momento mais importante da definição de sua identidade. O terreno está fértil para o crescimento e o despertar de uma nova consciência. A mulher se vê diante da tarefa de busca de sua identidade real, e de sua expressão no mundo como um ser mais totalizado e integrado. Para isso terá de fazer a descida dentro de si, à sua essência psíquica, e atualmente através de seus símbolos femininos no mundo. Só assim será possível dar expressão a todos os aspectos de sua personalidade, de uma maneira mais globalizante, sem a negação de qualquer valor que a amplie. (p.136).

Ao tomarmos simbolicamente Maria Madalena e relacionarmos seu mito às mulheres contemporâneas poderemos resgatar a conexão com o Princípio Feminino e com o sagrado, despertando uma nova consciência.

Que Madalena seja a guia no caminho do feminino. Como uma mulher capaz de integrar a sexualidade à transcendência. Maria Madalena nos encanta por sua trajetória, onde o amor é a grande força da transformação.

Chevalier e Gheerbrant (2003) nos descrevem que o amor depende também da simbólica geral da união dos opostos, *coincidentia contrariorum*. O amor é a pulsão fundamental do ser, a libido que impele toda existência a se realizar na ação. É ele quem atualiza as virtudes do ser.

Num mundo patriarcal as emoções, sentimentos, intuições e desejos baseados na essência foram reprimidos e o ser humano se perdeu nos valores do “ter”, abandonando os valores do “ser”. Assim mulheres e homens no mundo moderno sofrem a perda da conexão com a totalidade e o resgate do arquétipo do Feminino vem à tona.

Segundo Whitmont (1991), “o apelo do feminino para ser novamente reconhecido vem à tona ao mesmo tempo em que a violência corre o risco de escapar ao controle. Essa estranha coincidência embaça nossa compreensão”. (p.10).

Bogado (2005) nos aponta que o Feminino fala-nos de emoções, sentimentos, alma, intuição e conexão com a natureza. Fala-nos do mergulho em nosso interior. Lidar com o Feminino é lidar também com o Masculino, com as polaridades da natureza humana.

Esse trabalho apresenta-nos a sombra e a luz, o profano e o sagrado, o feminino e masculino, o casamento de Maria Madalena e Jesus (visão apócrifa), como união das polaridades, representando o processo de individuação, o encontro com o Graal como símbolo da plenitude interior.

A partir do contato com a imagem de Maria Madalena trilhamos um caminho bem definido. Partimos da fundamentação teórica com a definição de arquétipos, imagens arquetípicas, símbolos e mito, segundo Sharp (1991), Campbell (1977) e Edinger (1995).

Dividimos a fundamentação teórica em seis etapas: o feminino como sombra, o feminino como luz, o Evangelho Apócrifo de Maria Madalena, as etapas

arquetípicas na vida de Maria Madalena, o casamento de Jesus e Maria Madalena e Maria Madalena e o Graal.

Na etapa: “O feminino como sombra” apontamos as imagens de mulheres mitológicas como Lilith, representando a luxúria, Eva, representando o pecado original, e Maria Madalena, representando a profana, e abordamos o corpo como sombra. Nesta análise, ao abordarmos o feminino como sombra, analisamos a imagem simbólica de Lilith e posteriormente de Eva como o “pecado original” e o mito da criação. Eva simbolicamente representa a transgressão, o pecado sexual e o nascimento da consciência.

Edinger (1995) entende o pecado como a separação do homem em relação ao seu estado de unidade original e não um pecado sexual. Na psicologia analítica trata-se de um mito que narra o nascimento da consciência, que surge através de um ato de transgressão, que aliena o homem do seu estado original de indiferenciação.

Comentamos sobre o corpo e a sexualidade relacionada ao “pecado”, à sombra.

Bogado (2005) nos descreve o corpo como sombra:

Como a mulher é responsabilizada pelo *pecado original*, ela está irrevogavelmente associada ao desejo, à tentação, ao desvio, à perdição. É este o olhar que uma cultura repressora pousa sobre a mulher, é este olhar que, como vemos, definiu Madalena de “pecadora” a “prostituta”; porque o primeiro pecado, simbolicamente, é um pecado que vem das sombras do desejo e da tentação. Como se todos os pecados dos homens estivessem circunscritos à esfera do corpo e da sexualidade. (p.44).

Maria Madalena, uma mulher de desejos carnis e sensualidade, traz a sombra do feminino-profano.

Na etapa: “O feminino como luz” abordamos a imagem arquetípica da Virgem Maria, representando o arquétipo da “Grande-Mãe” e de Maria Madalena como a sagrada, discípula de Jesus.

Falamos sobre o feminino como luz através da imagem arquetípica da Virgem Maria como a Grande-Deusa.

Segundo Qualls-Corbett (1990):

Virgem Maria é a idealização da feminilidade, pessoa de absoluta pureza sobre a qual não há sombra de pecado. Era também humana, mas mais do que humana, uma vez que a tradição cristã decreta a assunção de seu corpo ao céu. (p.201).

Maria representa a Mãe de Jesus e a mãe de todos os seres humanos sustentada pelo arquétipo da Grande-Mãe.

Também abordamos o feminino como luz através da imagem de Maria Madalena, representando o feminino-divino.

De acordo com Leloup (2007) “a própria sexualidade pode ter um caráter numinoso e, para um grande número de nossos contemporâneos, ela seja, mais do que a arte e a natureza e sim uma via de acesso ao sagrado.” (p.96).

Para Bogado (2005) Maria Madalena liberta o Animus ao buscar o conhecimento, tornando-se a seguidora e discípula de Jesus.

Na etapa: “O Evangelho de Maria Madalena” comentamos a visão apócrifa de Jean-Yves Leloup (2006), onde o Evangelho é atribuído a Miryam de Magdála, uma mulher na qualidade de “iniciada”.

Já na etapa: “As sete etapas arquetípicas na vida de Maria Madalena” abordamos que Bogado (2005) nos descreve que Jean-Yves Leloup aponta sete etapas arquetípicas na vida de Maria Madalena: a Mulher de desejos desorientados, a Mulher Contemplativa, Maria Madalena Intercessora, a Intuição Profética, a Acompanhante de Moribundos, a Testemunha da Ressurreição e a Apóstola dos Apóstolos.

Maria Madalena, após passar por essas sete etapas, apropria-se da palavra do ensinamento de Jesus, que representa o homem que trilhou o próprio caminho do desenvolvimento.

Jung (1990) nos descreve a vida de Jesus:

Ora, sendo a vida de Cristo, em alto grau, arquetípica, em igual medida representa a vida do arquétipo. Mas como este último representa o pressuposto inconsciente de toda vida humana, sua vida manifesta mostra também a vida secreta e inconsciente do indivíduo, ou melhor, tudo o que acontece na vida de Cristo ocorre também sempre e em toda parte. (p.94).

A partir das palavras de Jung ao verificarmos a vida de Jesus como arquetípica, percebemos que Jesus representa o modelo do homem individuado.

Maria Madalena é uma mulher sedenta pelo conhecimento e busca desenvolver o seu Animus na busca do mundo espiritual através de Jesus, projetando seu Animus sobre ele.

Jesus se coloca como guia de Maria Madalena no caminho de seu desenvolvimento interior, pois ele integrou o feminino manifestando a sua *Sophia* interior. *Sophia*, a porção mais elevada da Anima, aparece como a própria Sabedoria Divina.

Na etapa: “O casamento de Jesus e Maria Madalena”, descrevemos, a partir da visão apócrifa, o casamento sagrado, a conjunção dos opostos, *coniunctio oppositorum* em direção à individuação.

Na etapa: “Maria Madalena e o Graal”, abordamos o Graal simbolizando a totalidade interior e a plenitude buscada pelo homem, segundo C.G Jung (1977), e a representação do grande feminino continente do sangue e suor do filho amado, nas palavras de Alvarenga (1997).

Emma Jung e Von Franz (1980) apontam que o recipiente que contém o sangue de Cristo representa o surgimento de um símbolo novo, o Graal. Ele contém tudo o que permaneceu vivo, a substância da alma do Cristo, o elemento a partir do qual a sobrevivência mística do seu Ser é possível.

Fizemos uma leitura simbólica dentro da abordagem analítica do desenvolvimento interior de Maria Madalena relacionando-o ao processo de individuação e ao desenvolvimento psicológico das mulheres contemporâneas.

A partir disso surge a questão:

- Como aproximar a mulher contemporânea do Mito de Maria Madalena?

Temos como objetivo geral aproximar a imagem arquetípica do Feminino representado por Maria Madalena, à experiência das mulheres contemporâneas.

Apontamos que, diante da questão a ser trabalhada, visamos possibilitar um melhor atendimento clínico às mulheres contemporâneas, integrando os aspectos do feminino.

Realizamos uma pesquisa qualitativa e utilizamos como procedimento um grupo vivencial formado por quatro mulheres entre 35-45 anos.

Iniciamos falando sobre a visão de Maria Madalena na Igreja Católica do Evangelho Canônico e sobre a leitura simbólica do Mito de Maria Madalena segundo o Evangelho Apócrifo.

As etapas arquetípicas da vida de Maria Madalena definidas por Jean- Yves Leloup e apontadas por Bogado (2005) foram adaptadas às quatro etapas da anima descritas por Von Franz (1977). Foram utilizadas as etapas da anima: a mulher carnal, a romântica, a espiritual e a sábia.

As participantes da pesquisa vivenciaram de forma simbólica cada etapa do feminino e posteriormente cada uma comentou no grupo sobre a vivência.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iniciamos este trabalho definindo os conceitos de arquétipo e imagens arquetípicas. Segundo Sharp (1991), esses elementos primordiais e estruturais da psique, são irrepresentáveis e seus efeitos são discerníveis nas imagens e nos motivos arquetípicos. São sistemas de prontidão para a ação. Não são aquisições individuais, mas comuns a todos os seres humanos. Os arquétipos se apresentam como idéias e imagens arquetípicas.

As imagens arquetípicas, como padrões ou motivos universais que se originam no inconsciente coletivo, representam o conteúdo básico das religiões, mitologia, lendas e contos-de-fadas. São reconhecidas somente pelos efeitos que produzem.

Bogado (2005) cita que “para a psique humana, a expressão simbólica dos fenômenos arquetípicos se dá através das imagens, reproduzidas na arte, nos mitos, e nos grandes símbolos religiosos.” (p.52).

Maria Madalena deve ser considerada como imagem arquetípica, pois não é apenas personagem do passado, mas estrutura e imagem interior.

Como o respectivo trabalho nos fala de um mito, apontamos a definição de mito para Campbell (1997): “O mito é um canal por onde passam energias inesgotáveis do cosmo que se infiltram nas manifestações culturais humanas.” (p.15).

De acordo com Campbell (1990) a eficiência da mitologia consiste no fato de seus símbolos nunca serem inventados, pois são produções espontâneas da psique que carregam o poder criador de sua fonte. Para ele, as imagens arquetípicas ou figuras simbólicas aparecem nos sonhos e nos mitos. Os mitos trazem os problemas e as soluções referentes a toda humanidade. “*O mito é o sonho público e o sonho é o mito privado.*” (p.42).

Mitos são carregados de símbolos e, segundo Edinger (1995), os símbolos são produtos espontâneos da psique, são portadores de energia psíquica e transmitem ao ego, a energia vital que apóia e motiva o indivíduo. A psique arquetípica mantém uma incessante atividade de criação.

O inconsciente pode ser investigado e conhecido indiretamente, por meio de suas manifestações simbólicas arquetípicas.

O símbolo é o canal através do qual o mundo subjacente e o mundo manifesto se encontram. Ele reúne o âmbito pessoal e coletivo, a dimensão histórica e a dimensão universal dos fenômenos psíquicos.

O símbolo, como manifestação do arquétipo, situa-se no limiar da possibilidade de conhecimento, pois o arquétipo, em si está fora dos limites do conhecimento.

Os mitos ajudam o homem e a mulher a entenderem sua natureza, pois contêm todo o saber humano expresso de forma simbólica e influenciam significativamente a vida do indivíduo.

O Mito de Maria Madalena nos oferece símbolos que devem ser despertados e vivenciados no mundo contemporâneo para que as mulheres possam reintegrá-los, ampliando a consciência.

1.1 O Feminino como sombra

Para que possamos falar do feminino, devemos abarcá-lo em duas polaridades complementares da natureza humana: a sombra e a luz.

Segundo o texto hermético “O Caibalion” (2006):

Tudo é duplo; tudo tem dois pólos; tudo tem seu par de opostos; o semelhante e o dessemelhante são uma só coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados. (p.85).

Sendo assim, sombra e luz são polaridades, mas se completam e interagem entre si. A polaridade está presente em tudo.

Cavalcanti (1993) cita que, “a participação dos opostos é necessária em todo processo criativo. A transformação se processa quando as polaridades se apresentam incluídas no todo. A tensão entre os opostos é geradora de movimento.” (p.29).

Percebemos que a tensão entre os opostos gera vida e proporciona as verdadeiras transformações, trazendo o novo através da criação.

Ao entrarmos em contato com o termo sombra na psicologia analítica, nos deparamos com a definição de Sharp (1991): são “aspectos ocultos ou inconscientes de si mesmo, bons ou maus, que o ego reprimiu ou jamais reconheceu.” (p.149).

C.G.Jung(1990) nos fala sobre sombra:

Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada à sua vida consciente, tanto quanto mais escura e espessa ela se tornará. (...) Trazemos em nosso passado, isto é, o homem primitivo e inferior com seus apetites e emoções, e só com um enorme esforço podemos libertar-nos desse peso.(...) A conciliação desses opostos é um dos problemas mais importantes, que mesmo na Antiguidade ocupou alguns espíritos.(...) Se as tendências reprimidas da sombra fossem totalmente más, não haveria qualquer problema. Mas, de um modo geral, a sombra é simplesmente vulgar, primitiva, inadequada e incômoda, e não de uma malignidade absoluta. Ela contém qualidades infantis primitivas que, de algum modo, poderiam vivificar e embelezar a existência humana. (p. 81-83).

Whitmont (1969) nos relata que o termo sombra refere-se àquela parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Tudo que fica inconsciente é projetado na nossa visão do outro. A sombra representa o inconsciente pessoal e é um composto de aspectos dos nossos complexos, podendo ser o portal de acesso às experiências transpessoais.

Sabemos que a maioria das pessoas nega a existência da sombra, pois o seu despertar traz culpa e tensão, e lidar com a sombra é tarefa difícil. Mas, negá-la também tira a possibilidade de contato com os aspectos positivos existentes no lado obscuro, que também são projetados no outro.

Na psicologia analítica é fundamental entrarmos em contato com a sombra pessoal e coletiva, tomando consciência de tudo que consideramos ruins e que não aceitamos em nós mesmos, ou seja, a parte obscura da psique. A partir da consciência desses aspectos sombrios podemos retirar as projeções no outro, integrando-as. Também existe a sombra coletiva de uma cultura, que projeta coletivamente aspectos inconscientes sobre outros indivíduos.

Sharp (1991) comenta que “projeção é um processo automático pelo qual os conteúdos de nosso próprio inconsciente são percebidos como estando nos outros”.(p.126).

De acordo com as palavras de Sanford (1988) a projeção é um mecanismo psicológico inconsciente que ocorre sempre que uma parte de nossa personalidade, quando ativa, não tem relação com a consciência. Essa parte não reconhecida, mas viva dentro de nós, é projetada nas outras pessoas de maneira que vemos algo nos

outros representando uma parte nossa. Sendo assim nossos relacionamentos são afetados de forma negativa.

Segundo Bogado (2005) é importante o reconhecimento da teia simbólica na qual se inserem as projeções coletivas que entram como fatores determinantes do comportamento humano, mesmo de forma inconsciente.

Falaremos sobre as figuras mitológicas de Lilith, Eva e Maria Madalena representando a sombra do feminino. Todas essas figuras arquetípicas serviram como tela de projeções coletivas, de aspectos inconscientes.

A sombra do Feminino, o lado obscuro e desconhecido, foi durante milênios, projetado nessas figuras femininas, demonstrando a negação do feminino.

1.1.1 Lilith

Após analisarmos o conceito de sombra podemos iniciar o capítulo do feminino como sombra falando de Lilith, mulher mitológica que representa o Feminino pecaminoso, da encarnação do mal, da luxúria e da transgressão.

Cavalcanti (1993) nos fala sobre Lilith:

O aspecto lunar mais escuro é personificado na figura da deusa da lua negra, Lilith que também foi a primeira esposa de Adão. Impedida de manifestar a sua sexualidade e a sua sensualidade, foi banida do paraíso e condenada a viver no deserto, entre os demônios. Lilith passa a viver uma sexualidade desenfreada, puramente instintiva e caótica, gerando mil demônios por dia. Um dos aspectos da natureza feminina de Lilith, impedida de se realizar, de ter um desenvolvimento humano, adquire uma forma destruidora, desumana, sem limites. Lilith representa aquele lado feminino banido da consciência, o lado dos desejos secretos, da sensualidade, da sexualidade, do ilícito. Todos os aspectos do feminino temidos tanto por homens como por mulheres. (p.82)

A partir daí, de acordo com a narrativa assíria, babilônica e hebraica, Lilith assumiu plenamente sua natureza de demônio feminino, voltando-se contra todos os homens.

Segundo Pires (2008):

Lilith, do ponto de vista masculino, ela é tanto desejável como perigosa. Perambula à noite, molestando os homens e corrompendo-os. Sempre que encontra um homem dormindo sozinho, paira sobre ele, agarra-o e une-se a ele, despertando-lhe o desejo e dele procriando. Porém, esse demônio alado da noite não é apenas sedutor, mas também mortal, pois é identificado tanto com um súcubo quanto com um vampiro. Sua aparência é a de uma mulher sedutora, que se adorna com muitos ornamentos, como uma prostituta, e encontra-se nas encruzilhadas a fim de seduzir os homens. (p.43).

Fêmea sedutora e lasciva, mulher independente que se coloca em posição de igualdade com o masculino e representa o puro instinto sensual/sexual, Lilith não parece ser adotada em nossa cultura eminentemente patriarcal como referência de identificação. Ao contrário, parece ter de permanecer na sombra, isolada e aquietada pela repressão imposta pelo social. (p.50).

Ao tomarmos os pensamentos de Cavalcanti (1993) e Pires (2008), percebemos que Lilith representa o aspecto sombrio do feminino, dos desejos e sensualidade ilícitos, reprimidos da consciência. Por este motivo, todos os aspectos femininos tornaram-se temíveis. Há a associação à raiva e vingança na aparência de mulher sedutora e assassina.

Harding (1985) nos esclarece que, na natureza, o Princípio Feminino, a deusa feminina, mostra-se como uma força cega, fecunda e cruel, criativa, acariciadora e destrutiva. É a “fêmea das espécies, mais mortal do que o macho”, feroz em seu amor como em seu ódio. Esse é o Princípio Feminino em sua forma demoníaca.

Lilith não quer aceitar o ato sexual ligado à submissão proposto por Adão. A punição é a desaprovação e Lilith, ao ser desprezada, torna-se um aspecto feminino ilícito e proibido, associada a práticas sexuais ilícitas.

Koltuv (1986) nos aponta não apenas o lado sombrio de Lilith, ele afirma que a mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith na tradicional forma patriarcal do matrimônio preferida por Adão, na qual o homem sustenta as qualidades masculinas de atividade e domínio e a mulher, as qualidades femininas de dependência e submissão. Percebemos a opressão da mulher e o impedimento de tornar-se ela mesma.

Com isso Lilith é aquela qualidade pela qual uma mulher se nega a ser aprisionada num relacionamento. Ainda para Koltuv (1986) “ela não deseja a igualdade e a uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria.” (p.41).

Lilith foi varrida da memória para as profundezas inconscientes. Aquela que tomou seu lugar foi Eva, que continuará sendo identificada com o pecado, podendo ser vista como uma contraparte de Lilith. Temos Lilith, representando a mulher “endemoniada”, enquanto Eva representa a mulher submissa à Adão.

1.1.2 Eva e o pecado original (Mito da Criação)

Continuamos examinando a sombra do feminino falando de Eva, mulher mitológica que representa o protótipo do Feminino rejeitado e inferiorizado. Eva a pecadora, simbolizando o “pecado original”.

Pires (2008) nos descreve:

O mito de Adão e Eva foi concebido pelo judaísmo e deu origem à idéia de que Eva era pecadora, e o seu pecado era o sexo. Criou-se, então a separação entre espírito (alma) e corpo, o que foi consagrado e levado adiante pelo cristianismo, com preconceito e rigidez de atitudes e valores em relação à mulher e ao sexo. (p.51).

Até hoje, a história de Eva é interpretada pela maioria das igrejas cristãs como prova natural da fraqueza e credulidade da mulher, definindo seu papel de se submeter calada ao marido e adaptar-se à função doméstica tradicional. Esse castigo está ligado ao pecado de Eva. (p.56).

A figura mítica de Eva parece atender a uma imagem melhor do feminino diante das leis de Deus, mesmo sendo ela responsável pelo pecado original. Por, esse motivo, Eva pode ser vista como modelo ideal de mulher, criado por Deus para estabelecer um padrão eterno de conduta feminina. (p.68).

O Mito de Adão e Eva revela-nos o Mito da Criação carregado de símbolos, mas sem validade histórica.

De acordo com Edinger (1995) o mito da criação descreve o nascimento da consciência como um crime que aliena o homem de Deus e de sua unidade pré-consciente original. Para ele o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal simboliza a consciência. A consciência é o pecado original, a hybris original.

Na psicologia analítica interpretamos o pecado a partir da separação do homem em relação ao seu estado de unidade original. Não se trata de um pecado sexual, mas sim um pecado ligado ao desejo de conhecimento, que surge quando o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal é comido.

Na tradição Cristã, Eva é vista como a mulher ligada à transgressão e ao pecado sexual, o feminino associado ao corpo, ao sexo e aos desejos.

Verificamos que houve uma repressão da sombra do feminino, que ficou projetada na figura de Eva; o feminino associado ao corpo, à sexualidade e aos desejos ficou reprimido, negado e dissociado.

1.1.3 O corpo como sombra

De acordo com Edinger (1995):

Adão e Eva ao tomarem consciência de sua nudez, o que faz que a sexualidade e os instintos em geral tornem-se tabus e objetos de vergonha. Isso representa a dualidade, a dissociação e a repressão que vêm junto com a tomada de consciência, que é antagônica em relação ao inconsciente, pois não há consciência sem discriminação de opostos. (pps.42-43).

Temos o corpo humano à sombra da cultura ocidental. Para Zweig e Abrams (1991), os impulsos animais e suas paixões sexuais foram banidos para a escuridão e transformados em tabus por um clero que só dava valor aos domínios mais elevados do espírito e da mente.

Nossos desejos carnis, impulsos e conteúdos sombrios inconscientes que são negados e reprimidos por vergonha e culpa são muitas vezes projetados no corpo. Assim, a nudez e a dimensão corpórea tornam-se tabus.

Já para Cavalcanti (2004) o desnudamento corresponde a um profundo processo de limpeza e purificação, ao despojamento da personalidade externa, ao abandono das falsas aparências, com a finalidade de se readquirir a pureza inicial, o estado primordial.

Percebemos que o corpo torna-se objeto de projeções de desejos vistos como pecaminosos e ruins.

Cavalcanti (1993) cita que “no cristianismo o corpo feminino é fonte de desejos e o sexo é uma coisa má, quando desligado da procriação. A dicotomia entre corpo e alma, é característica das culturas onde há repressão do feminino.” (p.108).

Finalizamos nossa explanação do corpo como sombra através das palavras de Bogado (2005):

À vergonha somou-se um corpo que deve ser escondido, que não pode desejar; e uma sexualidade que é colocada na sombra, no lugar do negado, do proibido. Na sombra a sexualidade assume um caráter distorcido, pecaminoso e deturpado. Como a mulher é responsabilizada pelo pecado original, ela está associada ao desejo, à tentação, ao desvio e à perdição. É este olhar que uma cultura repressora poussa sobre a mulher. (p.44).

Vemos como é importante que o corpo saia da sombra, do pecaminoso e da dissociação. Corpo e mente devem estar integrados.

Segundo Cavalcanti (1993) “o corpo é a casa do espírito e é através dele que a alma se expressa. O corpo é o palco para os acontecimentos anímicos.” (p.108).

1.1.4 Maria Madalena - profana

Além da imagem arquetípica de Lilith como a luxúria e Eva como a pecadora, Maria Madalena também foi simbolicamente interpretada por muitos como a mulher que representa o profano, a transgressão, a sexualidade.

Qualls-Corbett (1990) cita que “Maria Madalena ficou presa entre as incongruências da interjeição moral cristã e a imagem arquetípica da natureza feminina erótica.” (p.195).

Bogado (2005) cita a passagem bíblica na qual Maria Madalena foi retratada como prostituta e pecadora no Evangelho de Lucas (Evangelho Canônico):

Lc 7,36 Um fariseu convidou a Jesus a ir comer com ele. Jesus entrou na casa dele e pôs-se à mesa.

37 Uma mulher pecadora da cidade, quando soube que estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume e, estando a seus pés, por detrás dele, começou a chorar. Pouco depois suas lágrimas banhavam os pés do Senhor e ela os enxugava com os cabelos, beijava-os e os ungia com o perfume.

39 Ao presenciar isto, o fariseu, que o tinha convidado, dizia consigo mesmo: Se este homem fosse profeta bem seria quem e qual é a mulher que o toca; pois é pecadora. Então Jesus lhe disse: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te”.

44 Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em vossa casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta com suas lágrimas regou-me os pés e enxugou-me com os cabelos. Não me deste o beijo, mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo; mas esta com perfume ungiu-me os pés.

47 “Por isto te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor. (p.84-85).

No Evangelho de Lucas não é dito qual o pecado de Madalena, mas há uma imagem simbólica de forte apelo sensual nos cabelos longos, soltos e descobertos de Maria Madalena.

Bogado (2005) nos relembra que em Israel no tempo de Jesus, uma mulher casada e honesta nunca se apresentava em público sem véu e com os cabelos soltos. Os cabelos, quando relacionados à esfera feminina podem receber uma conotação de honra ou de vergonha.

Leloup aponta que, além dos cabelos, a imagem do vaso com perfume ou óleo que é derramado aos pés de Jesus, junto com suas lágrimas, não é somente um vaso exterior, mas um vaso do coração que transborda: o vaso simbolizando o Feminino e o conhecimento. (apud Bogado 2005, p.88).

Ainda Leloup nos relata que a associação de Madalena com a prostituta dá-se numa redução. Ele a considera como a “Mulher de desejos desorientados” que diante de Jesus ampliará seu processo de crescimento. Para Leloup “esta mulher pode ser interpretada como uma porção de todos nós, homens e mulheres modernos, perdidos em nossos desejos, deixados conduzir por eles, sem distinguir o que é sagrado do que é desejo.” (apud Bogado 2005, p.82).

No trecho evangélico em que Maria Madalena lava os pés de Jesus, Leloup (2008) nos mostra o próprio Jesus, como homem que era, sendo reconhecido em sua dimensão sexual, em sua dimensão de ser humano.

É necessário registrar que o gesto de lavar os pés de seus apóstolos, Ele aprendeu de uma mulher. Porque a lavagem dos pés dos Apóstolos, na última ceia, vem depois do episódio em que Maria Madalena lava os pés de Jesus com suas lágrimas e os enxuga com seus cabelos. E quando os cabelos e os pés estão juntos, quando a cabeça e os pés estão juntos, simbolizam um momento de coniunctionis, como dizia Jung. Uma conjunção, uma união dos opostos, uma integração entre o céu e a terra. (pps.31-32).

Sebastiani (1995) considera a imagem de Madalena aos pés de Jesus como um componente erótico-sexual.

Podemos perceber o gesto de feminilidade, afetividade e amorosidade de Maria Madalena para com Jesus. E temos o perdão de Jesus à Madalena em função do amor; ele a perdoa pelo fato dela saber amar. O amor é transformador e purificador.

Sobre o amor, Cavalcanti (2008) descreve o significado deste para os sufis como o sentimento de maior importância, sendo a linguagem do conhecimento do coração e a resposta do homem à misericórdia divina. Portanto é pelo amor que o homem expressa e realiza o seu desejo de se unir a Deus.

Verificamos a importância de se purificar o coração como o único caminho para que possamos alcançar Deus.

Bogado (2005) refere-se à Maria Madalena:

Maria Madalena, no universo simbólico, serviu-nos como tela para nossas projeções coletivas, como imagem sacrificada daquela que expurga os nossos pecados, daquela que presentifica dois milênios de uma tradição que separou o corpo, separou o desejo e separou a mulher da salvação. O corpo tornou-se prisão para a alma, o desejo tornou-se sinal de fraqueza e desvio, e para a mulher reservou-se um único caminho de volta à salvação: a maternidade. (p.66).

Maria Madalena carrega a sombra do Feminino, a sombra da cultura e dos valores espirituais que foram projetados na sua imagem. Na psicologia analítica “despir” alguém de uma projeção significa tirar o peso de tudo o que foi negado cultural e espiritualmente sobre essa pessoa, no caso, a figura mitológica de Maria Madalena.

Surge a necessidade de se resgatar o Feminino da sombra, iluminando-a e reintegrando assim o papel de Maria Madalena. Ao reintegrarmos Maria Madalena ao seu verdadeiro papel faz-se luz ao que antes estivera oculto e a sombra do Feminino pode ser resgatada.

A história de Maria Madalena serve simbolicamente como modelo para o desenvolvimento interior das mulheres contemporâneas.

Qualls-Corbett (1990):

Maria Madalena continuou sendo figura proeminente na tradição cristã, também por razão psicológica. A dimensão arquetípica da natureza feminina erótica elege uma figura para ser a portadora de sua projeção. A questão é que os seres humanos, em sua busca espiritual, têm que encontrar uma imagem do feminino que tenha relação com os aspectos eróticos da deusa. (p.194).

Que Maria Madalena, através da sua busca, nos conduza à luz, para que possamos vivenciar o Princípio Feminino na sua essência mais profunda.

Para que possamos despertar a luz, há a necessidade de olharmos nossa sombra sem projetá-la no outro.

Talvez Maria Madalena possa nos oferecer um caminho humano que, segundo Bogado (2005), seja um “caminho trilhado pelos nossos próprios pés sobre a terra para que possamos nos conectar com o divino. Ela desejava tudo: desejava o homem e a Deus, queria ser plenamente humana e experimentar a transcendência.” (p.67).

1.2 O Feminino como luz

O Feminino nos traz as polaridades sombra e luz. Anteriormente falamos da sombra do Feminino e, por se tratar de polaridade, temos como polaridade complementar a luz do Feminino representada pela imagem da Virgem Maria e, posteriormente, pela imagem de Maria Madalena.

Simbolicamente a luz representa a consciência, o conhecimento e a iluminação.

1.2.1 Virgem Maria

A Virgem Maria ocupa um papel destacado como personificação do arquétipo da Grande Mãe. O arquétipo da “Grande Mãe” é um aspecto parcial do “Grande Feminino”.

A Virgem Maria simboliza coletivamente a amorosidade e a proteção do amor materno. Maria tornou-se a principal imagem do feminino na tradição cristã.

Qualls-Corbett (1990) nos descreve a Virgem Mãe como a idealização da feminilidade, pessoa de absoluta pureza sobre a qual não há sombra de pecado. Maria é associada apenas com o aspecto maternal do feminino protetor. A sua virgindade a separa das outras mulheres, sendo associada ao cosmos, Rainha do Céu.

Cavalcanti (1993) comenta sobre o símbolo de Maria:

O símbolo de Maria, significando a redenção do feminino, traz a possibilidade de harmonização, numa união criadora, das forças primordiais que estão dissociadas pela repressão do feminino. Deus, o criador e o criativo, o princípio celeste, deposita em Maria, a terra, a sua semente. Maria mostra que o poder criativo da mulher pode transcender o terreno, e que o fruto de sua criação é o amor, o símbolo da união entre todos os seres e a vida. (pág.102).

A mulher é a guardiã dos valores morais e religiosos. Ela perde o aspecto sombrio de sua ligação com o pecado e passa a estar do lado do bem. Transformando-a em santa, a consciência patriarcal a exorciza. E Maria vai ser o modelo para a santificação da mulher, e a sua ligação com Deus é o exemplo para a demonstração da ligação da mulher com o divino. (p.128).

Maria permite o surgimento do feminino, de um modelo de mulher na civilização cristã, mas sob o controle patriarcal. Maria é a redenção de Eva. Maria é virgem; sua virgindade é santificada.

Ainda Cavalcanti (1993) “à medida que o feminino é entronizado como o símbolo da pureza e da castidade, é negada a sua totalidade. A sexualidade da mulher fica limitada, e passa ao controle do homem.” (p.105).

Leloup (1998) apresenta certa dissociação do Feminino que, dentro da Tradição Cristã, o culto à Maria promoveu. Para ele, algumas pessoas a fazem deusa e outras fazem dela uma pessoa que impede a vivência da feminilidade. Algumas mulheres dirão que a imagem de Maria trouxe a dissociação da dimensão sexual do feminino.

De acordo com Bogado (2005):

A redução do Princípio Feminino à sua esfera maternal encerra a Virgem Maria em uma imagem imaculada, que antagoniza céu e terra, sendo que os céus identificam-se os ideais de pureza, virtude, castidade e elevação; enquanto que a terra fica identificada com corporeidade, tentação e pecado. (p. 59).

Se Maria tivesse concebido a partir do encontro humano de amor e de sexualidade talvez resgatasse a sexualidade do mal e da sombra, salvando-a e recolocando-a a serviço da inteireza humana. Ela teria também a sua humanidade de mulher, o seu Feminino restaurado, integrado. (p.61).

A partir da experiência da imagem arquetípica de Maria precisamos integrar o Feminino, pois o seu culto deixa como herança uma sombra que precisa ser resgatada para que se compreendam as outras dimensões do Feminino que foram reprimidas, ou seja, a mulher carnal e sexualizada.

Para Bogado (2005), as mulheres modernas têm dificuldade em identificar-se com a imagem da Virgem Maria, mas houve época no cristianismo em que as mulheres precisavam de uma imagem para projetar seus desejos carnis e serem perdoadas.

Acreditamos que Maria Madalena ofereça uma saída às mulheres que por muito tempo ficaram vinculadas ao feminino cristão da imaculada, da pureza, representada pela imagem da Virgem Maria.

Segundo Qualls-Corbett (1990) “Maria Madalena oferece esperança aos mortais que não conseguem atingir o estado de perfeição da Virgem e que procuram perdão para os seus pecados.” (p.194).

1.2.2 Maria Madalena - sagrada

Vimos o Feminino como sombra na imagem de Maria Madalena. Ressaltaremos agora o lado numinoso de Madalena, enquanto seguidora e discípula de Jesus. Veremos o Feminino como luz, representada pela imagem de Maria Madalena através do Evangelho Apócrifo.

Bogado (2005) nos encanta com suas palavras:

Maria Madalena é uma mulher apaixonante. Ela nos desperta a paixão, as paixões, os desejos que ela sintetiza na sua busca de inteireza. Ela nos apaixona com toda carga de projeções que sobre ela repousa, e ela nos traz de volta o Feminino em sua voz suave, em sua profundidade, em sua paixão avassaladora, em sua sabedoria. Ela nos convida à transformação promovida pelo amor. Este “resgate do feminino” reitera a idéia de que estamos tratando de um tema arquetípico. (p.99).

Ao tomarmos as palavras de Cavalcanti (2004) podemos refletir sobre o amor como o único sentimento religioso que é capaz de ligar o que está separado e levar à transcendência. O verdadeiro amor provoca o encontro de almas e possibilita o meio poderoso de transcendência do terreno e de vislumbre do divino. O amor é a força para que ocorra transformação interna.

A lição do desejo em Maria Madalena é a lição da sexualidade, erotismo e integração da nossa natureza humana. A lição de Madalena para nós é assumirmos os nossos desejos, nossa sexualidade, integrando-a e nos transformando.

De acordo com Leloup (2007) “a própria sexualidade pode ter um caráter numinoso e, para um grande número de nossos contemporâneos, ela seja, mais do que a arte e a natureza e sim uma via de acesso ao sagrado.” (p.96).

Ainda Leloup (2007) nos fala sobre erotismo e sexualidade:

Recusar o erotismo e a sexualidade é uma recusa da Vida em seu aspecto de plenitude e em seu *élan* em direção à unidade. É curioso que o desejo sexual, cuja fonte se encontra na própria Vida, deva ser, por assim dizer, recalcado em benefício de valores humanos chamados espirituais. A fruição é, no fundo, a maneira pela qual o Ser, presente no nosso Ser essencial, se torna consciente de si mesmo na consciência do homem. (p.96)

As mulheres integram sua sexualidade, seus desejos e erotismo, recuperando a dimensão feminina sem culpa e sem vergonha. A sexualidade passa a ser vista como sagrada, pois representa o próprio fluxo da vida, não sendo mais olhada e vivida como sombra.

De acordo com Qualls-Corbett (1990):

A mulher que aceita a sua feminilidade física e psicológica vive em harmonia com a prostituta sagrada que vive dentro dela. Ela serve à deusa do amor, atendendo ao fogo sagrado de seus sentimentos internos. Trata-se do calor central de seu ser. As mulheres que têm consciência do seu verdadeiro ser feminino ouvem a sabedoria do coração; não permitindo que essa sabedoria seja contaminada por normas ou ideais coletivos. Tal sabedoria reside no corpo e está relacionada com o princípio de Eros. (p.186).

A sabedoria do coração nos ensina a entrar em contato com a alma, com valores de alma, do “ser” e não valores do “ter”.

Para Cavalcanti (2008) o coração é o local onde Deus habita, é o centro da individualidade para onde a pessoa retorna na sua caminhada espiritual. O homem sem purificar o coração, identificado com o ego, está desconectado com a alma, emoções e intuição. Devemos olhar o mundo com a visão da alma e do amor para que nossa visão se amplie e nos tornemos seres plenos.

Ainda Leloup (2008) cita que Jung reprovava Freud por ele não ter se apercebido da dimensão numinosa da sexualidade. “A possibilidade de despertar, de abrir-se à transcendência que nos é dada através desta relação íntima entre duas humanidades.” (p.84).

Segundo Cavalcanti (2004):

A mulher encarna a essência da realidade última, o mistério da criação e o mistério do Ser, de tudo que é e se transforma, morre e renasce. Portanto, é essencial que a Mulher, o feminino divino, seja despertado em cada mulher e que ela possa realizar aquilo que ele realmente é. A partir desse acontecimento, ela é levada a mudar a visão que tem de si e do mundo e esta visão é integrada à sua vida. Quando a mulher assume a sua feminilidade sagrada interna, valorizando as qualidades femininas que se manifestam através dela, torna-se capaz de despertar no homem respeito e admiração e, ao mesmo tempo, levá-lo a perceber em si mesmo a sua feminilidade interna. (p.137).

Cada vez mais aparecem mulheres que sentem necessidade de autoconhecimento, de uma reflexão e busca de uma identidade de acordo com a sua própria essência feminina.



Figura 1

Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), *A Amada*.

Tate Gallery, Londres.

As mulheres contemporâneas buscam a feminilidade em todas as suas dimensões, integrando conhecimento, sexualidade e espiritualidade.

Sabemos que vivemos milênios de dominação masculina, havendo um esquecimento do Feminino e dos valores do matriarcado. Surge a grande necessidade do resgate do Feminino nas transformações dos papéis sociais de homens e mulheres.

Starbird (2004) cita que a perda do feminino teve um impacto desastroso em nossa cultura. O masculino e o feminino estão profundamente feridos neste início de terceiro milênio. As dádivas do feminino não foram aceitas ou admiradas por completo e o masculino sente-se frustrado pela incapacidade de harmonizar suas energias com um feminino bem desenvolvido.

As mulheres contemporâneas assumiram seu Animus desempenhando novos papéis sociais, contudo muitas se afastaram de sua polaridade feminina. Sabemos que uma mulher dominada pelo Animus corre o risco de perder sua feminilidade.

Para Bogado (2005) “Maria Madalena liberta o Animus ao buscar o conhecimento, quando se coloca não abaixo, mas ao lado dos demais discípulos e com eles recebe e manifesta os ensinamentos de Jesus.” (p.149).

1.3 O Evangelho de Maria Madalena

O mergulho do feminino através do Evangelho de Maria, segundo Bogado (2005), nos “convida a esta abertura em direção a uma nova movimentação, a uma nova interpretação da revelação de Jesus no cristianismo, e de abertura à transcendência.” (p.100). O Evangelho de Maria resgata toda a dimensão feminina reprimida no cristianismo.

O Evangelho de Maria foi interpretado por Leloup (2006) através dos textos gnósticos/apócrifos.

Leloup (2000) cita que “ao lado dos evangelhos masculinos podemos escutar este evangelho feminino porque todos são complementares e nos oferecem uma imagem mais rica do Cristo, mais humana e mais divina”. (p.16).

Leloup (2006) traduziu o Evangelho de Maria, que foi escrito e atribuído a uma mulher, Miryam de Magdála. Ele emerge das profundezas do inconsciente do cristianismo e reflete sobre o que implica “escutar” esse inconsciente e “escutar” essa mulher.

É um Evangelho inspirado por uma mulher, Miryam de Magdála. Ela não é somente a pecadora da qual nos falam os Evangelhos Canônicos, nem aquela das tradições recentes, que confundem seu “pecado” com certa desorientação de suas forças vivas e sexuais. Ela é também a amiga íntima de Jesus, a “iniciada” que transmite seus ensinamentos mais sutis.

Ainda Leloup (2006) refere que o Evangelho de Maria, como o Evangelho de João e de Felipe, nos lembra que Jesus era capaz de intimidade com uma mulher. Esta intimidade não era somente carnal; ela era afetiva, intelectual e espiritual. Ele trata de salvar, isto é, de tornar livre o ser humano em sua inteireza, introduzindo a consciência e o amor em todas as dimensões de seu ser.

Tommaso (2006) nos convida a conhecer quem era Maria Madalena através dos textos apócrifos / gnósticos. El-Mejdel ou Migdal foi um centro importante de comércio, uma rota internacional onde pessoas com religiões e costumes diferentes se encontravam no mercado. Era uma cidade próspera onde se realizava o comércio de peixe salgado, tecido tingido e diversos produtos agrícolas.

Em 75 d.C. foi destruída por causa da infâmia e da conduta licenciosa de seus habitantes, fato que pode também ter contribuído para alterar o nome e a reputação de Maria Madalena. Ainda hoje há um letreiro oxidado, próximo a um lago, que informa ao turista que Magdala ou Migdal foi uma cidade próspera ao final do período do Segundo Templo e foi também a cidade de Maria Madalena, a qual seguiu e serviu a Jesus.

O nome Madalena deriva, pois, de um lugar de origem: a cidade de Magdala, do hebraico *migdal* e do aramaico *magadala*, que significa torre.

Acredita-se que Maria Madalena era de origem judaica, mas ela não foi definida, como outras mulheres dos Evangelhos Canônicos, pela família a que pertencia, mas por sua cidade de origem. O fato que intriga, e que talvez tenha gerado ao longo desses dois milênios de cristianismo tantas hipóteses e construções fantasiosas sobre Maria Madalena, é que ela não aparece como filha, esposa ou irmã de nenhum homem. Essa independência feminina em uma sociedade dominada por homens tem chamado a atenção de pesquisadores.

De acordo com os relatos dos Evangelhos, nada há contra a moral de Maria Madalena, pois estar possuído por sete demônios não era considerado pecado. Tampouco se pode chegar à conclusão de que Maria Madalena tenha sido uma mulher adúltera. Maria Madalena, ao ser identificada com a profana, incorpora a

mulher de cabelos longos e soltos, que serviram para secar os pés de Jesus. Essa imagem evoca a feminilidade e também a sexualidade, que induz a uma associação com o pecado.

1.4 Etapas Arquetípicas na vida de Maria Madalena

Segundo Bogado (2005):

Maria Madalena é nossa guia nesta viagem de retorno a nós mesmos, ela não é só uma, ela é múltipla: várias mulheres arquetípicas femininas consteladas em diferentes etapas da vida de uma mesma personalidade histórica. Através deste percurso, das etapas do seu desenvolvimento psicológico e do seu crescimento interior (ou espiritual) na Presença de Jesus, podemos desenhar um caminho de crescimento e de reconexão que nos serve a todos. Encontramos todas as nuances do Feminino, todas as manifestações da Anima: da mulher carnal a mais mística. (p.128).

Bogado (2005) nos comenta que Leloup descreve as sete etapas arquetípicas na vida de Maria Madalena.

Iniciaremos pela primeira etapa arquetípica que Leloup (2005, apud Bogado, p.129) denomina como a Mulher de Desejos Desorientados, a mulher que corresponde ao arquétipo da pecadora. É assim que Madalena configurou o primeiro arquétipo. Há ainda a imagem atribuída à Madalena que é a imagem da “possuída por sete demônios”.

Madalena representa a mulher perdida e desta dimensão que ela será resgatada por Jesus através do amor.

Bogado (2005) cita que “Jesus lhe diz: seus numerosos pecados lhes são perdoados, porque ela demonstra muito amor. Assim, para reorientar o desejo é preciso amar, é o amor que é o fogo transformador da consciência de Madalena.” (p.132).

Nesta etapa nos deparamos com nossos desejos desorientados, mas que podemos nos libertar e nos transformar através do amor.

Na segunda etapa encontramos a Mulher Contemplativa: esta é a segunda imagem arquetípica de Maria Madalena. Nesta etapa Madalena contempla Jesus. Quando somos capazes de contemplação, de quietude, de apaziguamento e de silêncio podemos aprender a silenciar as emoções e ouvirmos a voz do coração.



Figura 2

Jonathan Weber, *Maria Madalena*.

Na terceira etapa temos a Mulher Intercessora, representando o feminino que intercede pelos doentes e moribundos. Segundo Leloup (1998) “Madalena partiu da multidão dos desejos, tornou-se silenciosa na Presença do Ser, e agora se torna compassiva, encontra sua compaixão.” (p.144).

Nesta etapa Madalena ela intercede junto a Jesus por Lázaro. As lágrimas de Madalena são plenas de significado e de amor, a ponto de se transformarem em força libertadora; e Jesus o liberta.

Para Leloup (1998):

Assim, a pacificação do desejo nos conduz à contemplação do Ser. O mergulho na profundidade do Ser desperta em nós compaixão (...) A compaixão, pois, é uma força de intercessão unida à força de libertação. Reencontrar o outro, lá onde ele está aprisionado, a fim de libertá-lo, a fim de lembrar-lhe a sua dignidade e a fim de que ele possa se reerguer em sua grandeza, em seu desejo. (p.145).

Na quarta etapa, através da compaixão, chegamos à imagem arquetípica do feminino que é a Intuição Profética, Maria Madalena profetiza a morte do Mestre. Ela derrama perfume no Mestre e enxerga algo que os outros não vêem. Nesta etapa Madalena torna-se profeta, pressente o futuro, intui e anuncia a morte.

Nesta etapa podemos enxergar através da visão interior da alma, da intuição e do amor espiritual.

Chegamos à quinta etapa: a Acompanhante de Moribundos. Madalena se coloca aos pés da cruz e expressa sua dor e sofrimento.

Bogado (2005) comenta que “Madalena não abandona Jesus, como o fazem alguns de seus discípulos, na morte ela une-se ao Mestre para atravessar o portal da morte. Corresponde a uma dimensão feminina que não teme o desconhecido e a morte.” (p.136).

Na vida não podemos ter medo do desconhecido e nem das dores e sofrimentos, temos que ultrapassar os obstáculos e renascer diante de cada “morte”.

Na sexta etapa temos a Testemunha da Ressurreição. Maria Madalena é a primeira pessoa a testemunhar a ressurreição. Para Bogado (2005) Madalena vê Jesus após a sua morte e ressurreição, sendo capaz de atravessar a morte junto com ele e dentro de si. É a primeira a vê-lo, o que a torna a testemunha mais importante de sua ressurreição, colocando-a no papel da “Apóstola dos Apóstolos”.

Na sétima etapa, Madalena é colocada no papel da Apóstola dos Apóstolos.

Vemos uma passagem do Evangelho de Maria em que Pedro a reconhece como uma discípula especial:

[Página 10]

1 Pedro disse a Maria:
 2 'Irmã, nós sabemos que o Mestre te amou
 3 diferentemente das outras mulheres.
 4 Diz-nos as palavras que Ele te disse,
 5 das quais tu te lembras
 6 e das quais nós não tivemos conhecimento...'

Segundo Bogado (2005):

Quando Pedro se refere assim a Maria Madalena, ele reconhece nela a outra mulher que surge, ao final de todo este processo de transformação. Não é mais a Madalena perdida, negada, possuída (por seus desejos e pela nossa sombra coletiva), aqui ela foi se transformando pelo silêncio contemplativo, encontrando dentro de si a sua compaixão, assumindo sua capacidade visionária, enfrentando dentro de si as mortes de velhos estados de consciência, para estar pronta a pressentir a morte do Mestre e acompanhá-lo para além da morte, da vida além da vida. (p.140).

Além da própria morte surge a *Sophia*, a mulher-Sábida, a mulher “iniciada” nos processos internos de crescimento e mudança de consciência.

Resgatar a *Sophia*, a mulher-sábida, que corresponde ao *Logos*, nos dá a possibilidade da síntese. O *Logos* está associado à consciência masculina, à influência do animus na mulher.

Após as sete etapas arquetípicas, Maria Madalena apropria-se das palavras do ensinamento do Mestre e torna-se a “Primeira Apóstola”.

1.5 O Casamento de Jesus e Maria Madalena

Na versão apócrifa o casamento de Jesus e Maria Madalena pode ser visto como *coniunctio oppositorum*. Para Bogado (2005) Jesus é o Mestre-Animus, a Presença-Guia, que a orienta em direção ao conhecimento, à Sabedoria de seu Feminino Profundo, à *coniunctio oppositorum*, à conjunção dos opostos, ao casamento sagrado, ou mais especificamente, em direção à Individuação.

Ainda Bogado (2005) nos comenta a importância das palavras:

Madalena apropria-se da Palavra, e não é qualquer palavra, é a palavra do ensinamento, e através deste ensinamento, reintegra a possibilidade de interpretar o Mestre, de ser ao lado dele, e na sua ausência, diante da palavra dele uma anunciadora, aquela que também pode investir-se da autoridade espiritual diante dos homens e de Deus. É a Sophia. Ao mesmo tempo nos conduz, ao feminino profundo, a nós mulheres, através da reorientação em direção ao Self Feminino. (p.149).

Sophia é a porção feminina mais elevada da alma, a própria Sabedoria Divina manifesta na Terra. Jesus é a Sabedoria Divina, a própria *Sophia* encarnada.

Sem resgatar a sacralidade da sexualidade e, sem a imagem de *Sophia* – a mulher sábia -, não seria possível resgatar o Feminino sombrio do cristianismo para trazê-lo à luz da consciência. É o Feminino sábio que conduz à transcendência e resgata a inteireza da mulher.

Maria Madalena é sedenta pelo conhecimento. Ao descobrir que é possível resgatar seu animus, ou seja, sua dimensão masculina no caminho de integração, ela recupera sua inteireza de mulher deixando de ser somente identificada com o desejo sexual. Ela passa então a ser compreendida como a mulher que integra a sexualidade à transcendência.

Esse caminho de integração foi denominado por Jung como “Processo de Individuação”.

Stein (1998) cita que Jung usou o termo individuação para falar sobre desenvolvimento psicológico, que ele define como o processo de tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa integrada.

A figura de Maria Madalena exerce um forte apelo para as mulheres de hoje, pois o Feminino e o Masculino estão presentes na consciência da mulher e a via de aproximação e vivência profunda do feminino, passa pelo desenvolvimento adequado do masculino.

Vemos na relação amorosa restituidora da inteireza vivida por Jesus e Madalena a reciprocidade deste resgate da inteireza, na constelação de dois seres inteiros. Na sua ousadia de inteireza Madalena nos devolve a completude, servindo de modelo às mulheres de hoje.

Madalena é capaz de unir a sexualidade mais instintiva e carnal à transcendência mais sublime. Segundo Bogado(2005) “ é o despertar de um corpo que se ergue e se abre ao Divino, é uma manifestação do Sopro que habita o corpo e sua densidade.” (p.164).

O casamento sagrado pressupõe uma morte do ego. Madalena passa pelas etapas de desenvolvimento, desde a morte do ego, saindo do estado profano e orientando seu desejo a conectar-se ao Self, ao sagrado.

A união dos opostos no processo de desenvolvimento psicológico que leva à individuação pode ser representado através de Madalena e Jesus.

A relação de Madalena e Jesus para Bogado (2005) “é a união alquímica interior, são as bodas entre a *Sophia* – Sabedoria feminina e o Mestre, o *Logos* na sua dimensão de Sentido”. (p.160). Na teoria de Leloup, o *Logos* aparece como o correspondente à *Sophia*, o homem sábio, individuado.

Maria Madalena só poderia ser resgatada por um homem que também tivesse trilhado o seu próprio caminho de desenvolvimento, assim vemos Jesus como um símbolo do Homem Individuado, aquele que realizou seu casamento interior.

O casamento sagrado no processo de desenvolvimento psicológico refere-se à união dos opostos que nos leva à individuação.

Leloup (2006):

É verdade que para se tornar “inteiro” o ser humano tem que integrar a polaridade que lhe é complementar, o masculino na mulher, o feminino no homem.(...) Qualquer que seja nosso sexo temos que nos tornar Anthropos, Humanidades em plenitude. (p.107-108).

Sharp (1991) nos descreve a definição de Anthropos como “o homem original ou primordial, uma imagem arquetípica de totalidade, na alquimia, na religião e na filosofia gnóstica.” (p.26).

1.6 Maria Madalena e o Graal

Cavalcanti (2008) nos define a palavra Graal como “o significado etimológico da palavra Graal é vaso. O Graal é considerado simbolicamente o recipiente, o vaso que guarda o conhecimento e, como tal, ele contém a revelação da verdade.” (p.157).

Starbird (2004) relata que, segundo uma lenda do séc. IV preservada em francês antigo, Maria Madalena levou o Sangraal à costa sul da França. Histórias que surgiram depois contam que esse Sangraal era o Santo Graal – um cálice. Na verdade, versões posteriores afirmam tratar-se do cálice usado por Jesus na Última Ceia, na noite de sua prisão. O Graal foi reverenciado como uma das relíquias mais sagradas da cristindade. Entretanto, de acordo com as lendas, ele foi perdido e permanece oculto até os dias atuais.

A procura do Santo Graal é um mistério de muitos séculos e as pistas que ligam Maria Madalena ao Sangraal das antigas lendas são abundantes na arte, literatura e folclore na Idade Média.

Cavalcanti (2008):

A lenda do Graal é a representação simbólica do tema do herói ou heroína que empreende a busca do objeto valioso e sagrado, que conduz ao Centro, presente em cada um. A busca do Graal é um tema arquetípico e corresponde a um caminho iniciático. Simboliza o caminho iniciático que deve ser seguido por todo aquele que busca o seu desenvolvimento interior, a transformação da consciência. (p.155).

Alvarenga (1997) comenta que o Graal como cálice da última ceia, continente do sangue e suor de Cristo, vaso da sabedoria que veio dos céus ou ainda cálice do alimento, simbolizou e se manterá até nossos tempos como representante da luz da compreensão, da fonte da sabedoria, reduto da inspiração e continente do alimento inexaurível.

Na psicologia analítica, C.G.Jung (1977) refere que “o Graal simboliza a totalidade interior, a plenitude interior sempre tão buscada pelos homens.” (p.215).

Segundo Starbird (2004) “o receptáculo, o cálice que materializava a promessa do Milênio, o Sangraal da lenda medieval era a própria Maria Madalena.” (p.63). Talvez Madalena tivesse sido a portadora da esperança de Israel, o Sangraal, a descendência real.

Ainda Starbird (2004) nos revela que Madalena era ela própria o Sangraal, no sentido de ter sido o “cálice” ou receptáculo que um dia carregara “in útero” a descendência real. (p.73).

Alvarenga (1997) nos revela que Cristo afirmou:

“Eu sou o caminho, a verdade, a vida!” Buscar o Graal é buscar o caminho para nos tornarmos indivíduos não divididos. É buscar a verdade, o ser genuíno, germe de tudo, o conhecimento profundo. Será também buscar a vida, a ação, o verbo, cumprindo nossa tarefa, nossa missão: “ite missa est”. Buscar o Graal é buscar a totalidade. Não aceitar o Cristo é manter o Cálice vazio de alimento, o Túmulo sem o corpo, a Terra sem o germe. (p.87).

Para Cavalcanti (2008), “o tema da busca do Graal se refere ao processo de transformação da consciência que leva ao estado primordial de integridade paradisíaca, ao estado de unidade, de identidade com o Self”. (p.162).

Nas palavras de Sharp (1991) “Self é o arquétipo da totalidade e o centro regulador da psique; poder transpessoal que transcende o ego. As experiências do Self possuem uma numinosidade, característica das revelações religiosas”. (p.142).

Finalizaremos com as palavras de Alvarenga (1997):

O Graal é o grande feminino continente do sangue e suor do filho amado. Buscá-lo será conjugar Deus com sua Consorte, conhecimento com verbo, coração com ação, preservando porém a autonomia da Deusa; dessa forma o conhecimento terá precedência sobre o verbo, e o coração sobre a ação. (p.87).

A busca do Graal simboliza o impulso para a individuação, para a transformação interna que leva à realização do ser divino em cada um.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa é o de aproximar a imagem arquetípica do Feminino representado por Maria Madalena à experiência das mulheres contemporâneas. Visamos compreender os aspectos do feminino (a mulher carnal, romântica, espiritual e sábia) das mulheres contemporâneas à luz do mito de Maria Madalena e relacioná-lo às mesmas.

Como objetivos específicos, visamos:

Compreender a experiência de aspectos do feminino num grupo vivencial de mulheres de 35-45 anos de idade.

Possibilitar um melhor atendimento clínico às mulheres contemporâneas, a partir de uma leitura simbólica da imagem arquetípica de Maria Madalena, segundo o enfoque da Psicologia Analítica.

3. MÉTODO

3.1 Método Qualitativo

Para efetuarmos este trabalho utilizamos pesquisa qualitativa, a fim de obtermos dados a partir de aspectos objetivos e subjetivos das participantes pesquisadas.

Segundo Penna (2004) a pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. Consideram-se os fenômenos em função do contexto em que são investigados, sendo levadas em conta tanto a objetividade quanto a subjetividade.

De acordo com Turato (2000) o método qualitativo tem como objeto de estudo as pessoas ou comunidades em sua fala e em seu comportamento. O alvo de interesse deste estudo é o sentido e o significado que as coisas ou fenômenos da natureza ganham e a intencionalidade que as acompanham tanto para um indivíduo em particular ou num grupo determinado. De acordo com este método de pesquisa, ela deve ser realizada em ambiente natural para a pessoa pesquisada.

Ainda Turato nos aponta que o pesquisador, ao utilizar este método, é co-participante da pesquisa, isto é, faz parte da realidade a ser pesquisada. Ele colhe, organiza e interpreta os dados, adotando uma atitude de acolhimento dos aspectos emocionais da pessoa em estudo, valorizando as trocas afetivas mobilizadas na interação pessoal. Ele também observa a linguagem corporal e comportamental, no sentido de complementar, confirmar ou desmentir o falado pela pessoa pesquisada.

De acordo com Pereira (1999), o relato das ocorrências deve conter descrições detalhadas dos eventos, situações, pessoas, interações e comportamentos observados, assim, as palavras do pesquisado devem ser citadas na íntegra, sem que seja efetuado pelo pesquisador qualquer tipo de julgamento.

Segundo Penna (2004), os instrumentos de coleta de dados utilizados pela Psicologia Analítica numa pesquisa qualitativa são aqueles que fornecem a melhor forma possível de detectar e recolher o material simbólico. Os instrumentos de pesquisa utilizados são recursos projetivos em geral. As técnicas expressivas favorecem a apreensão dos símbolos: fantasia dirigida, imaginação ativa,

relaxamento, vivências, meditação, desenho, pintura, expressão corporal, dramatização e sandplay podem ser utilizados para acessar o rico material inconsciente.

Penna (2004) cita que, segundo Jung:

A compreensão dos fenômenos, ou seja, a análise do material coletado é realizada por meio do processamento simbólico que constitui a ferramenta indispensável para a melhor compreensão dos fenômenos investigados. A integração das funções da consciência nesse processo promove uma produção de conhecimento de ordem intelectual, perceptiva, valorativa e intuitiva. (p.87).

Ainda Penna (2004) diz que “o método de investigação da Psicologia Analítica se caracteriza pelo processamento simbólico do material pesquisado, utilizando-se a ampliação simbólica como meio através do qual os aspectos desconhecidos do símbolo se tornam conhecidos.” (p.88).

3.2 Participantes da Pesquisa

Foram escolhidas quatro participantes na faixa etária entre 35 – 45 anos de idade. As participantes foram escolhidas pela diversidade do estado civil, sendo uma noiva, uma casada, uma viúva e uma em processo de separação. Todas as participantes eram mulheres graduadas, com posição sócio-econômica média e direcionadas ao interesse de desenvolvimento emocional e espiritual. Todas já vivenciaram de alguma forma um processo de autoconhecimento.

A primeira participante representada pela letra C tem 42 anos, é formada em Propaganda e Marketing e exerce a profissão de fotógrafa. Publicou um livro de fotografia sobre a queda das torres gêmeas e está publicando outro com fotos da Europa. Tem se dedicado ao trabalho do Feminino Sagrado, fotografando rituais femininos no Brasil. Tem uma filha de 18 e um filho de 12 anos de idade. Está em processo de separação após um casamento de 18 anos. Seus conflitos no casamento apareceram nos últimos dois anos. Descreve seu marido como uma pessoa egocêntrica.

A segunda participante representada pela letra S tem 40 anos, é oriental e formada em Biologia. Atualmente faz curso de terapias alternativas, pois pretende trabalhar com massagens terapêuticas ajudando pessoas. É casada há 17 anos,

tem dois filhos homens, de 12 e 15 anos de idade. Seu marido também é oriental. A participante é espiritualista.

A terceira participante representada pela letra P tem 40 anos, é formada em Psicologia e viúva há cinco anos. Na época do falecimento do marido fazia especialização em Psicologia Hospitalar, não podendo finalizar o curso. Teve que assumir a empresa do marido de telemarketing de produtos farmacêuticos e, com esforço e dedicação conseguiu crescer profissionalmente. Considera-se uma lutadora e vencedora. Não tem filhos.

A quarta participante representada pela letra AP tem 35 anos, é noiva, formada em Moda e possui sua própria empresa de confecção de modas. Seu casamento será em junho de 2009 e está ansiosa com os preparativos. Acredita no amor, no casamento e na união. Namorou dois anos e deseja ser muito feliz.

Todas as participantes não estavam em tratamento psicológico ou psiquiátrico por motivos de depressão, crise de ansiedade ou angústia.

Todas as participantes foram contatadas por telefone pela pesquisadora e convidadas para a pesquisa. Informamos sobre o objetivo e finalidades da pesquisa. As participantes concordaram em participar da pesquisa por estarem voltadas à mudança e à busca do novo, mostrando-se ansiosas e interessadas com a proposta.

3.3 Procedimentos para coleta de dados

O procedimento utilizado foi um grupo vivencial formado por quatro mulheres, que tinha como objetivo vivenciar aspectos do feminino: a mulher carnal, romântica, espiritual e sábia.

O local do grupo vivencial foi o consultório de psicoterapia da pesquisadora.

As participantes ao chegarem ao local, leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O termo informava sobre os preceitos éticos da pesquisa e cada participante concordou em assiná-lo. Elas também autorizaram e deram o consentimento da gravação e da transcrição da pesquisa.

Todas as vivências foram gravadas para depois serem transcritas.

Utilizamos como técnica uma vivência simbólica e imaginação dirigida para que pudéssemos detectar e recolher o material simbólico. A imaginação dirigida decorre da imaginação ativa. A imaginação ativa é um método que possibilita a comunicação entre a consciência e o inconsciente através de alguma forma de auto-

expressão, podendo ocorrer de forma espontânea ou induzida, como na imaginação dirigida. Nesse caso a pesquisadora fez com que as participantes, através da vivência simbólica, entrassem em contato com o material consciente e inconsciente. A vivência simbólica utilizada pela pesquisadora iniciou-se com relaxamento e, após esse aquecimento, as participantes eram induzidas a ultrapassarem “portas” que as levavam a entrar em contato com os aspectos que correspondiam aos desejos carnis, ao amor romântico, ao amor universal e à sabedoria. As “portas” dividiam essas etapas. Essas técnicas expressivas foram utilizadas para acessar o material inconsciente das participantes.

Em vez do nome, utilizamos letras para representar cada participante. A primeira participante foi representada pela letra C, a segunda, pela letra S, a terceira, pela letra P e a quarta, pela letra AP. A pesquisadora foi representada pela letra V.

Inicialmente pensamos em estruturar a vivência a partir das etapas arquetípicas de Jean Yves-Leloup descritas por Bogado (2005). No entanto, como elas eram muitas, resolvemos utilizar as etapas da alma. As etapas arquetípicas da vida de Maria Madalena, descritas por Jean- Yves Leloup, foram adaptadas às quatro etapas da alma definidas por Von Franz (1977).

Utilizamos quatro etapas arquetípicas de Leloup: a primeira da mulher de desejos desorientados, a segunda, etapa da mulher de desejos desorientados transformados pelo amor, a terceira, etapa da mulher profética e intuitiva da visão da alma e do amor espiritual e a quarta, etapa da mulher apóstola dos apóstolos.

Relacionamos respectivamente as quatro etapas arquetípicas de Leloup às quatro etapas da alma que Von Franz (1977) definiu como a primeira, a mulher carnal de relacionamento puramente instintivo e biológico (Eva); a segunda, a mulher romântica ligada ao amor romântico e beleza, mas também caracterizada por elementos sexuais (Helena de Fausto); a terceira, a mulher espiritual que eleva o amor à grandeza da devoção espiritual (Maria) e a quarta, a mulher sábia que transcende através do conhecimento. (Sofia).

O cenário:

A sala foi decorada com vários objetos que representavam o feminino, como flores, velas, incensos e cartas, para que as participantes entrassem em contato com a sua essência feminina. Esses objetos estavam sobre uma toalha no chão e as participantes sentaram ao redor. No local, uma música relaxante do CD “Espelhos da Alma” harmonizava o ambiente.



Figura 3
Fotografia do Cenário

Iniciamos falando sobre a visão de Maria Madalena do Evangelho Canônico da Igreja Católica e sobre a leitura simbólica do Mito de Maria Madalena segundo o Evangelho Apócrifo.

Ao descrevermos a imagem de Maria Madalena, na leitura do Evangelho Canônico, apresentamos a passagem bíblica do Evangelho de Lucas, que a descreve como prostituta e pecadora:

Lc 7,36 Um fariseu convidou a Jesus a ir comer com ele. Jesus entrou na casa dele e pôs-se à mesa.

37 Uma mulher pecadora da cidade, quando soube que estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume e, estando a seus pés, por detrás dele, começou a chorar. Pouco depois suas lágrimas banhavam os pés do Senhor e ela os enxugava com os cabelos, beijava-os e os ungiu com o perfume.

39 Ao presenciar isto, o fariseu, que o tinha convidado, dizia consigo mesmo: Se este homem fosse profeta bem seria quem e qual é a mulher que o toca; pois é pecadora. Então Jesus lhe disse: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te”.

44 Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em vossa casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta com suas lágrimas regou-me os pés e enxugou-me com os cabelos. Não me deste o beijo, mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungiu a cabeça com óleo; mas esta com perfume ungiu-me os pés.

47 “Por isto te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor.

Posteriormente descrevemos a imagem de Maria Madalena no Evangelho Apócrifo/ Evangelho de Maria, apresentando uma leitura simbólica do Mito de Maria Madalena, resgatando toda dimensão feminina reprimida no cristianismo.

Apontamos o trecho: “É um Evangelho inspirado por uma mulher: Míriam de Magdála, Madalena. Madalena não é somente a pecadora da qual nos falamos os Evangelhos Canônicos, nem aquela das tradições recentes, que confundem seu “pecado” com certa desorientação de suas forças vivas e sexuais. Ela é também a amiga íntima de Jesus, a “iniciada” que transmite seus ensinamentos.” Ela é vista não como a profana de desejos carnis, mas como aquela que transcende.

Após esse aquecimento pedimos que o grupo deitasse em colchonetes para que começassem a vivência.

Aplicamos a vivência utilizando o símbolo da porta entre a passagem de uma etapa à outra. Segundo Cavalcanti (2004) “a porta, como símbolo de passagem, sempre supõe uma ruptura, uma limpeza, e corresponde ao abandono de uma determinada atitude, e a disposição para assumir outra.” (p.201).

Iniciamos a vivência com a seguinte introdução: “Faremos uma viagem de retorno a nós mesmas através da imagem de Maria Madalena. Ela será nossa guia nessa viagem e nesse caminho de crescimento.”

Música do CD Celtic Embrace (Majestika – Lisa Lynne).

1. Fechem os olhos, respirem profundamente. Sintam que todo o seu corpo respira como se fosse uma coisa só e sintam uma sensação de paz e tranquilidade percorrendo todo o seu corpo.

2. Imaginem uma porta que está diante de vocês e preparem-se para cruzá-la. Vocês cruzam essa porta e entram numa sala onde todos os sentidos e sensações estão presentes.

3. Agora entrem em contato com seus desejos mais profundos, desejos carnis ligados ao prazer. Tudo é permitido, não há o proibido.

4. Vejam como vocês se sentem nessa experiência. Olhem para os seus desejos mais íntimos. Sintam a sensação de liberdade, mexam-se livremente. Soltem-se ao prazer, à sensualidade, à paixão.

5. Percebam esses desejos de prazer e guardem essa sensação com vocês.

6. Imaginem uma segunda porta. Olhem essa porta e façam uma passagem para outro lugar. Vejam o lugar. Esse lugar é belo e romântico. Sintam a energia do amor.

7. Ouçam essa música e sintam a emoção do amor.

Se eu não te amasse tanto assim – Música do CD Perfil (Ivete Sangalo)

Meu coração

Sem direção

Voando só por voar

Sem saber onde chegar

Sonhando em te encontrar

E as estrelas

Que hoje eu descobri

No seu olhar

As estrelas vão me guiar

Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Hoje eu sei
Eu te amei
No vento de um temporal
Mas fui mais
Muito além
Do tempo do vendaval
Nos desejos
Num beijo
Que eu jamais provei igual
E as estrelas dão um sinal

Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração...

8. Percebam e sintam a experiência do amor romântico. Guardem essa sensação.

Música do CD Celtic Embrace (Morning Prayer – Maire Brennan).

9. Olhem agora para uma porta de luz. Entrem nesse espaço e examinem o local.

10. Imaginem que seu coração está sorrindo e que está envolto em uma luz rosa brilhante e que dele desabrocha uma flor. O sorriso do coração provoca amor, generosidade, compreensão, alegria, empatia, gratidão, amizade, perdão e compaixão. Irradiem essa luz de amor para todo o seu corpo e sintam a paz que o amor transmite.

11. Soltem-se ao amor, ouçam a voz do coração e sintam essa energia pura que tem o poder de transformação.

12. Transformem cada sentimento, emoção e pensamento que impede seu coração e sua alma de sorrirem e sintam a força do amor.

13. Guardem essa lembrança do amor universal.

Música do CD Celtic Embrace (Wayfarer – Maire Brennan).

14. Agora imaginem uma última porta e preparem-se para cruzar essa porta. Vocês cruzam essa porta e entram numa sala onde existem vários livros.

15. Ouçam:

Alcansei a visão interior
e através do Teu espírito em mim
ouvi o Teu segredo maravilhoso.
Através da Tua mística introvisão,
fizeste uma fonte de conhecimento
crescer dentro de mim.
Uma fonte de poder,
Deixando fluir livremente águas vivas,
uma torrente de amor
e sabedoria oníabrangente
como o esplendor da Luz Eterna.(Livro dos Hinos)
Cavalcanti (2004, p.100).

16. Olhem o lugar e percebam que vocês estão em busca de conhecimento.

17. Imaginem uma mulher-sábua que lhes entrega uma chave. Olhem essa chave. É a chave do conhecimento.

18. Pensem nas mulheres sábias que vocês conhecem: mulheres da história, do país, da família. Percebam o que essas mulheres podem passar de conhecimento e sabedoria.

19. Guardem essa imagem com vocês.

20. Agora lentamente retornem a esse local. Mexam os pés e as mãos e lentamente abram os olhos.

Comentários:

No final, após encerrarmos a vivência, pedimos para que cada participante comentasse sobre cada etapa do feminino, como foram as experiências vividas. Iniciamos com a etapa da mulher carnal. Cada participante comentou sobre a passagem pela primeira porta. Em seguida cada participante falou sobre a segunda porta da mulher romântica, depois sobre a terceira porta da mulher espiritual e por último sobre a quarta porta da mulher sábia. Todas as participantes falaram sobre as sensações, emoções e sentimentos despertados durante a vivência.

Após os comentários as participantes escolheram duas cartas do Feminino (O Oráculo do Código do Graal – A restauração do feminino) representando as com que se identificaram mais ou menos, apontando o porquê da escolha.

Encerramos pedindo que cada participante comentasse sobre as cartas escolhidas. Iniciamos com a carta com que as participantes mais se identificaram e, em seguida, as participantes apontaram as cartas com que menos se identificaram.

Após o encerramento, comunicamos que faríamos a devolutiva da pesquisa às participantes, caso desejassem.

3.4 Procedimentos para análise de dados

Iniciamos o procedimento de análise dos dados ouvindo as gravações e transcrevendo o material coletado.

Levantamos as categorias e os temas de cada categoria. As quatro etapas do feminino da vivência simbólica foram relacionadas respectivamente com as categorias da mulher carnal, romântica, espiritual e sábia.

Cada categoria foi analisada separadamente, e através da transcrição do material objetivo coletado e da percepção que a pesquisadora teve do material

subjetivo e simbólico das participantes, foram levantados os principais temas em comum e os diferentes.

A análise das questões que surgiram em cada tema, segundo o relato das participantes, foi analisada à luz da abordagem da Psicologia Analítica.

Foram feitas transcrições de trechos significativos para elucidar as hipóteses levantadas.

Também foram analisadas as categorias com que as participantes se identificaram mais e menos. Elas se identificaram mais com as categorias da mulher romântica, espiritual e sábia e menos com a categoria da mulher carnal.

Na **categoria da mulher carnal** surgiram os seguintes temas:

Tema 1 – resistência e desejo

Tema 2 – o prazer associado ao profano e ao pecado

Tema 3 – tabu e medo

Tema 4 – aceitação do corpo

Tema 5 – rigidez do corpo e leveza da alma

Tema 6 - liberdade

Tema 7 – dança

Tema 8 – sedução

Tema 9 - cores fortes e quentes

Tema 10 – fogo

Tema 11 – vestes brancas e nudez

Na **categoria da mulher romântica**, os temas foram:

Tema 1 – romance

Tema 2 – dor

Tema 3 – prazer e desejo

Tema 4 – a força transformadora do amor

Tema 5 – a perda da paixão na relação amorosa

Tema 6 – traição

Tema 7 – reencontro e parceria

Na **categoria da mulher espiritual e sábia**, surgiram os temas:

Tema 1 – iluminação

Tema 2 – facilidade na entrega

Tema 3 – noção de Unidade

Tema 4 – espiritualidade e conhecimento

Tema 5 – amor absoluto e sentimento de gratidão

Tema 6 – sentimentos de paz, contemplação e plenitude

Tema 7 – a chave do conhecimento

Tema 8 – o cálice do Graal

Tema 9 – imagem de Maria Madalena (mulher-sábia)

Tema 10 – amizade

Tema 11 – mudanças em busca do novo

Tema 12 – relação maternal

Tema 13 – necessidade de autoconhecimento

Tema 14 – a força e coragem da mulher

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a análise dos dados destacando a surpresa das participantes com a decoração do ambiente, demonstrando entusiasmo e admiração. Registramos as seguintes falas das participantes:

P: “Nossa que lindo! Vai ser emocionante!”, de S: “Que clima exótico! Desse jeito Maria Madalena vai aparecer!”, de C: “Me sinto pronta pra soltar a mulher que existe dentro de mim!” e AP: “Que perfume e que aroma gostoso! Vou relaxar!”.

Diante desses comentários percebemos o quanto as participantes se envolveram no clima de forma satisfatória, possibilitando uma possível conexão com o feminino.

Partimos da categoria da mulher carnal analisando o material coletado das participantes, destacando os temas comuns e diferentes que foram apresentados.

Primeira categoria: A Mulher Carnal

Tema 1 – resistência e desejo

Percebemos que existe tanto resistência como desejo em lidar com o lado carnal, trazendo uma ambigüidade diante desta categoria. Observamos que o lado carnal apresenta duas polaridades: a resistência ou dificuldade e o desejo. Tudo tem dois pólos, conforme o texto hermético “O Caibalion” (2006).

Diante da resistência e do desejo citamos a fala de C:

Apesar de não ser nada puritana, existe a dificuldade de encarar o lado carnal, de aceitar. Esse lado em mim é latente, mas quando eu me coloco entrando numa sala e vendo só isso, existe certa resistência, certo tabu. Ainda mais você permitindo.

Percebemos que a permissão da pesquisadora da entrada nesse local onde os desejos carnis e os sentidos estão presentes e não há o proibido trouxe dificuldade e resistência.

Essa participante demonstrou dificuldade em entrar em contato com os conteúdos sombrios, como nos aponta Sharp (1991). Podemos conjecturar que talvez a entrega ao prazer, ao corpo, ao profano e aos desejos carnis estejam

relacionados ao proibido e não ao permissível. Temos o tema do corpo associado à sombra, com a sexualidade assumindo um caráter pecaminoso, conforme vemos em Bogado (2005).

C. também associou o local da permissão do contato com o carnal com o inferno:

“O ambiente era um lugar aberto, havia uma fumaça por baixo, tipo inferninho!”

A participante, ao fazer este comentário, sorriu maliciosamente e o grupo riu. A participante sempre comentava algo de forma engraçada ou maliciosa com espontaneidade, contagiando o grupo de forma integrativa.

Tema 2 – o prazer associado ao profano e ao pecado

O inferno é um símbolo da cultura cristã que traz o sentido daquilo que é pecaminoso, ruim e sombrio. Sendo assim, C nos trouxe o prazer relacionado ao pecado, ao profano e à sombra.

Tema 3 – tabu e medo

Observamos a dificuldade em lidar com o lado carnal e a presença do tema tabu na fala de C:

“Acho que é um tabu da criação familiar, não só da família, mas da mulher no geral.”

Notamos que ainda hoje, em pleno século XXI, algumas mulheres trazem resistência, medo de lidar com seus desejos carnis, mesmo reconhecendo a existência deles. Sobre esta questão C comentou:

“Estou solteira, fico com vontades, mas estou me adaptando com o novo momento. Temo ainda esse novo.”

Percebemos que há a vontade, mas ao mesmo tempo há o tema medo, notamos que a participante não comentou mais profundamente sobre o tema tabu, mudando de assunto, demonstrando certa dificuldade em falar no assunto.

Desejos, paixões e impulsos foram deixados na sombra e transformados em tabus, nas palavras de Zweig e Abrams (1991).

Ao falarmos em tabu, consideramos que S conseguiu lidar de outra forma com a categoria do carnal, ultrapassando o tabu e o reprimido, se entregando.

Tema 4 – aceitação do corpo

Aqui temos o tema da entrega. Segue abaixo uma colocação de S:

“Aí me vi soltar dessa carapaça. Que é o rígido, que é o duro, que é o tabu. Fui aceitando o corpo, eu sou o que sou.”

Nessa colocação percebemos que houve uma maior aceitação do corpo e de si, demonstrando o desejo em sair do tabu e de se entregar ao novo e romper antigos padrões. Ainda S:

“Sabe quando você quer sair da casca?”

Tema 5 – rigidez do corpo e leveza da alma

Essa categoria para C pareceu mais densa por ser ligada ao corpo, à matéria; ela nos coloca:

“Era mais denso, isso é nítido. Deve ser porque é a coisa do corpo. Depois foi ficando mais fácil.”

Essa observação demonstra como é difícil entrar em contato com o corpo e como C aparentemente define a energia do corpo como densa e pesada. A participante S também nos trouxe os termos ‘duro’ e ‘rígido’ representando o tabu e o corpo. Nessas duas falas, não percebemos a leveza e a suavidade relacionadas ao corpo, diferente do que acontece com a alma. Sendo assim, em culturas onde há a repressão do feminino, o corpo e a alma sofrem uma dicotomia, conforme Cavalcanti (1993).

Em contrapartida à experiência de C, a participante P conseguiu ultrapassar o local dos desejos carnais diante da permissão da pesquisadora. Conforme o relato de P, percebemos que ela não apresentou resistência diante da entrega.

“Então quando você falava entra, se solta, se imagina, se liberta, se entrega. Nossa! Eu estou aqui e estou vivendo, estou realmente conseguindo curtir. Aquela porta se abriu, foi maravilhosa!”

Cada participante vivenciou de uma forma a categoria da mulher carnal. P sentiu a liberdade em poder se entregar, provavelmente devido ao seu processo de amadurecimento e a elaboração do grande sofrimento que foi a perda do marido, além da possibilidade de um novo relacionamento e de um novo momento. Segue abaixo a fala de P:

Foi tudo difícil quando vivi a perda do meu marido há cinco anos, ele teve um enfarte súbito. Sofri muito, mas depois de muita terapia e medicamento, eu pude me refazer e hoje nesse momento me sinto livre e em paz. Acho que por isso tive coragem de passar pela porta.

Tema 6 - liberdade

Percebemos que o contato com o carnal traz também o tema liberdade de expressão e entrega emocional.

Percebemos que, após um árduo trabalho, P está num momento muito especial de entrega e total liberdade.

Saber conseguir estar em paz comigo e poder viver intensamente tudo o que eu estou sentindo, longe de tabus é um trabalho muito difícil. Hoje eu posso me entregar além dessa porta, eu posso me entregar pra vida.

Para Bogado (2005), o mergulho no sofrimento desperta uma força que nos liberta e nos fortalece.

Aceitar o erotismo e a sexualidade é aceitar a Vida na sua plenitude, segundo Leloup (2007).

Tema 7 – dança

Os temas danças, nudez, desejo, paixão e sedução estiveram presentes na maioria das participantes. Um exemplo é o comentário de C:

“Vi muitas danças circulares, mulheres nuas em volta da fogueira, desejo, paixão, êxtase, corpos em liberdade.”

Tema 8 – sedução

Notamos que a sedução se apresentou no toque como a participante S nos fala:

Tive muita sensação de toque, que é o carnal, senti a pele, de estar sendo envolvida e tocada, mas também não é aquele envolvimento que você fala que é de uma coisa espiritual, você sabe que é carnal. Muita sedução!

Também percebemos o tema sedução pelo toque nas palavras de AP:

“Havia muita dança, sedução, leveza, no centro da mesa, comidas, bebidas, aromas, óleos e muito toque, assim leve, leve.”

AP demonstrou uma leveza e suavidade nos gestos e tom de voz, uma forma mais romântica de vivenciar o toque, diferente de C e S. Talvez seja pela fase em que se encontra, próxima de seu casamento.

Para C, a sedução também apareceu no olhar:

“A sedução era pelo olhar. O ambiente, o visual, teve importância maior, não o toque.”

A sedução se apresentou de várias formas: num olhar, num toque, num gesto, na leveza. Cavalcanti (1993) aponta que, através do corpo, a alma se expressa. Percebemos que a alma se expressa pelas emoções e pela voz do coração. Qualls-Corbertt (1990) dá importância à voz do coração.

O envolvimento presente na fala já citada de S é um envolvimento carnal, diferente do espiritual. Ela nos demonstra entrega e troca na sedução.

“Aquele sedução de seduzir e ser seduzida!”.

Há nessa colocação muita liberdade e abertura à entrega. Percebemos como a participante está aberta aos desejos carnis, mesmo com o tabu ainda presente nas mulheres. Temos que enfatizar que a participante é oriental e a cultura oriental possui padrões rígidos, e dificuldade em lidar com o aspecto emocional. Mas, mesmo assim, sentimos que a participante está em conexão com o feminino, a nível carnal, emocional, como espiritual.

Tema 9 - cores fortes e quentes

As cores fortes e quentes, como o vermelho, apareceram nas vivências de C e de S. Para C:

“Pra mim o fogo tem uma referência de sensualidade, é mais a coisa quente, o calor.”

Tema 10 – fogo

O fogo é associado ao inferno, ao pecado, às paixões ardentes no cristianismo, mas ao mesmo tempo representa a purificação de tudo aquilo que precisa ser transformado em cinzas para um novo renascer. Na tradição celta representa uma passagem, um ritual de iniciação.

C comentou várias vezes sobre seu trabalho fotográfico ligado ao feminino sagrado. Segundo C:

“As danças circulares em volta da fogueira, essas mulheres nuas, célticas têm a ver com rituais.”

Tema 11 – vestes brancas e nudez

O tema nudez esteve presente em nossa pesquisa, assim como vestes com túnica branca. Podemos aproximar e considerar o branco como a cor da pureza, da luz e da espiritualidade, conforme Cavalcanti (2008). Sendo assim, a nudez e a pureza estavam na categoria da mulher carnal.

S comentou sobre as vestes no trecho a seguir:

“Eu me vi de roupa branca como uma túnica”

Ainda sobre as vestes, AP relata:

“Eu me vi com uma roupa bem esvoaçante, como um vestido cheio de véus, muita leveza e muito branco”.

Sobre o tema da nudez, temos a fala de P:

“Praticamente eu me senti nua, não consegui imaginar nenhuma roupa. Eu realmente estava sem nada. Foi uma sensação muito boa, porque eu estava me entregando.”

Entendemos que a nudez não apareceu como sombra, e sim como liberdade, entrega e luz. O desnudamento foi citado por Cavalcanti (2004) como limpeza e purificação. Para Leloup (2007) a própria sexualidade pode ter um caráter numinoso.

Segunda categoria: A Mulher Romântica

Analisamos a segunda categoria, da mulher romântica, analisando os temas coletados pela pesquisadora.

Tema 1 – romance

Ao analisarmos a fala de C:

“O amor romântico tem essa coisa porque o amor romântico é mais feminino e é mais entendido pela mulher”.

Percebemos o quanto o tema romance está ligado ao feminino. Segundo Bogado (2005), ele nos fala de emoções, sentimentos e alma.

Tema 2 – dor

C também nos apresentou o lado do romance associado ao tema da dor na relação afetiva.

“Tanto que foi a vivência que mais me tocou com dor. Até por eu estar me separando.”

Nesse momento P também concordou:

“Também tive essa sensação”.

Podemos relacionar as falas com o momento de cada participante. No caso de C, a separação, e no caso de P, a perda dolorosa do marido. Ambas têm a possibilidade de transformação e crescimento pela dor, conforme Bogado (2005).

C trouxe a dificuldade de entrega pelo momento e uma vontade de entrega aos desejos.

Então vieram essa coisa da dificuldade de entregar e de se aprofundar, no meu caso por causa do momento, não que eu esteja querendo putaria, tá meninas? Estou colocando os desejos. Nós estamos colocando os desejos, não vamos julgar, ainda não entrei na putaria.

Todas as participantes riram do comentário.

Tema 3 – prazer e desejo

Isso nos leva a pensar que, ainda na categoria da mulher romântica, existe o carnal, o lado de desejos e de prazer.

Também nos remete ao conceito de opostos, da dificuldade e vontade da entrega ao romance. Para Cavalcanti (1993), a participação dos opostos é necessária em todo processo criativo.

Pudemos observar na fala de algumas participantes que, tanto na categoria da mulher carnal como na mulher romântica, ocorre uma ambivalência entre a dificuldade e o desejo da entrega.

As boas recordações de C estão voltadas ao romance.

“A saudade que dá é do amor romântico e não do que nós somos hoje. Então a mulher, ela é romântica por natureza”.

Temos novamente a mulher ligada ao amor, afetividade e romance. Sentimos a importância de se resgatar o amor e o feminino, conforme observamos nas colocações de Whitmont (1991).

A participante S esteve mais presente nessa categoria, como vemos na fala:

Nessa vivência parecia que eu estava mais aqui, eu estava ouvindo a letra da música. É uma música que eu gosto muito, então parece que está lavando a alma, depois de tantos anos de casada você começa rever certas coisas e aí você vê que o amor se transforma, sai daquela paixão, daquela coisa de namorado. É duro, aí você vê hoje um amor com o marido mais amadurecido. Foi sendo construído, mas o amor romântico ficou lá trás. Sabe é outro amor, é tão importante quanto, é diferente e a gente sente falta disso, por mais que esteja amadurecida a gente sente falta daquela coisa romântica e platônica.

Tema 4 – a força transformadora do amor

Podemos perceber que S nos fala do sentimento do amor como um sentimento que se transforma, passando da paixão, do romance para um sentimento mais amadurecido. Entendemos também que, nas relações mais longas, há o tema da perda do romance e, como consequência, o sentimento da falta na mulher de vivenciar a paixão, a sedução e os desejos românticos

Tema 5 – a perda da paixão na relação amorosa

A participante C comenta:

“Essa transformação é cruel. Eu não consigo viver sem o amor romântico, sem as duas portas, que também muda.” (carnal e romântica).

Para C, o carnal, o desejo e o romance são importantíssimos na sua vida. Podemos imaginar que seu casamento talvez tenha entrado em conflito devido à existência dessas questões.

Surge a cobrança, por parte da mulher, pela perda do romance na relação.

Para S:

“E aceitar isso sem cobrança, um amor sem cobrança que se transformou. A gente deveria aceitar essa transformação, mas como a gente não cobrar o que passou?”

C completou:

“Esse é o segredo!”

Já nas palavras de P:

“As pessoas mudaram, não é o outro ou o sentimento que mudou, houve uma transformação em tudo.”

Com isso notamos que a mudança e a transformação estão presentes em toda relação e nos parceiros e o amor é a força transformadora, conforme Cavalcanti (2004).

C parece não concordar com a aceitação da mudança de P. Para C:

Mas você consegue ter o amor romântico com outra pessoa. Isso que é o duro. Mas, eu não acho que você tem que se conformar com a mudança, você tem que procurar a paixão que é inerente ao ser humano. Está certo que o amor verdadeiro, se a gente pensar em amor, não é o amor romântico, porque o amor romântico é o amor que cobra e que você quer o retorno. É o amor que você tem alguma coisa que interessa no outro, seja, o carinho, a juventude, no caso dos homens normalmente, seja, um desejo de ter uma família estruturada. O amor da terceira porta é o amor universal que é o amor verdadeiro, que na verdade a gente está aqui para experimentar para chegar nesse amor. Mas quem quer esse amor no casamento só?

C com isso traz o seu desejo real e a sua dificuldade:

É difícil, mas nós, mulheres, queremos as três portas: a coisa da sexualidade sem tabu, o amor com paixão e romântico e um amor verdadeiro. Mas parece distante do que vivemos, pelo menos pra mim.

Vemos a importância da mulher em aceitar a sua feminilidade física e emocional, conforme Qualls-Corbett (1990), e a necessidade de se integrar as várias dimensões do feminino.

P comenta abaixo:

Às vezes você não consegue isso numa única relação. Nós não estamos preparadas ainda pra isso numa única relação. O homem passa a ver a mulher só como mãe, ou como amiga ou como companheira e não tem mais tesão e não sente mais prazer. A mulher não é só isso, ela assume outros papéis na sua vida.

Notamos nesse trecho que o homem também não consegue manter na relação o desejo, o carnal e a paixão com sua esposa. É provável que esse fator possa ser o fator desencadeante da procura de uma terceira pessoa. Podemos refletir sobre a importância em se manter a relação aquecida pelos desejos e pelo romance. Percebemos, segundo Harding (1985), que a mulher, ao assumir outros papéis, sofre um conflito entre a necessidade de se expressar através de seu trabalho como um homem e a necessidade interna de viver de acordo com sua natureza feminina.

Tema 6 – traição

O tema da traição aparece nas falas de C e de S. Para C:

“Aí ele procura fora e não se sente culpado, e vice-versa.” E S: “O homem é bem isso, perdeu a juventude ele vai procurar fora e a gente mesmo vendo que ele está grisalho, careca e gordinho tenta com um olhar vê-lo diferente. A mulher muda o olhar em relação ao parceiro.”

A traição é vista por C tanto como uma característica tanto do homem como da mulher. Para S, só o homem está no papel de traidor.

A participante P vivenciou o amor romântico de forma intensa:

Foi realmente um amor com meu marido, foi uma experiência completa, mas está indo. Ele se foi. Eu senti como se estivesse entregando-o para o Universo. Foi um distanciamento gradual e inevitável. Uma coisa assim que separou e agora eu estou num novo momento. Foi forte. Obrigada!

Os olhos da participante se encheram de lágrimas, expressando amor e saudades, contagiando as outras participantes e a pesquisadora. Todas se mantiveram em silêncio e, num gesto carinhoso, abraçaram P.

Tema 7 – reencontro e parceria

Temos outro tema nessa categoria: o reencontro e a parceria. Para AP:

Eu reencontrei alguém. Ai foi tão bonito! Ai eu fiquei tão emocionada! Eu fiquei, foi um reencontro. Agora eu não sei quem é. Que lindo! É uma emoção assim, uma taquicardia como um reencontro. Sério, sério estou me arrepiando de novo. Nossa foi muito emocionante! Um reencontro de parceiros, beijinhos assim, carinho assim, uma coisa terna, ternura, muita ternura. Aquela coisa contemplativa, de ficar deitadinho junto, de se abraçar. Ai muito emocionante! Parceria, contemplação. Eu fui e me reencontrei, mas não sei quem é.

Percebemos a emoção de AP ao relatar esse encontro, ela gesticulou com suavidade e meiguice. Houve um forte suspiro no final, parecendo expressar um amor e um reencontro de almas. As outras participantes também suspiraram como se vivenciassem com empatia cada palavra e gesto de AP. Parecia que o amor romântico tomou conta do ambiente. Se pensarmos num encontro de almas, conforme Cavalcanti (2004) tem-se nesse momento, um amor romântico.

Terceira e quarta categoria: A Mulher Espiritual e a Mulher Sábia

A terceira categoria, a da mulher espiritual, foi analisada juntamente com a quarta categoria, a da mulher sábia, pelo fato da participante C trazer as duas categorias juntas e as outras apoiarem a decisão. A pesquisadora não interferiu na decisão no grupo, avaliando posteriormente o porquê dessa ligação entre as categorias.

Tema 1 – iluminação

Iniciamos com as palavras de C:

Essa foi a mais tocante e emocionante. A porta tinha uma luz, a primeira porta tinha fumaça. Então a segunda era normal, mas a terceira era uma porta iluminada, quase como um arco-íris. Foi a melhor sensação. Foi mudando a vibração da primeira porta pra essa.

Aqui percebemos como o amor Universal traz o tema da iluminação e da vibração, diferente do carnal, que é mais denso, duro e rígido, como já falamos. Aqui parece haver leveza e suavidade. Podemos aproximar à experiência de S:

“Foi uma das mais bonitas e emocionantes. Foi a porta que mais me tocou.”

A luz é a outra polaridade da sombra, representando a consciência, o conhecimento e a iluminação.

Tema 2 – facilidade na entrega

C também trouxe o tema da entrega, no trecho abaixo:

A terceira foi onde eu me senti mais confortável, sem medo, sem medo de entrega e foi onde eu fui embora. Na primeira rolou o negócio do tabu, na segunda a resistência de entrega pelo meu momento e na terceira eu consegui me soltar e fui mesmo.

Percebemos o quanto a participante se entregou, e como houve certa dificuldade nas outras duas categorias. Podemos falar que no amor espiritual não há medos, resistência e sim, entrega. Para Bogado (2005) o amor é o fogo transformador da consciência.

A participante C se entregou tanto que entrou direto na outra porta, outra categoria da mulher sábia.

“Eu passei direto pra outra porta, senti a energia do Todo. Eu e elas (participantes) éramos uma coisa só e aí sim tudo claro e a roupa era a mesma túnica da segunda porta, só que mais iluminada.”

Tema 3 – noção de Unidade

Essas colocações nos remetem à noção de uma Unidade, o Todo. Percebemos que C, ao entrar em contato com o amor Universal, possibilitou a noção do Todo.

Tema 4 – espiritualidade e conhecimento

C passou direto para a outra porta pelo fato de achar que a espiritualidade leva ao conhecimento.

E a mulher-sábua que você pediu pra gente encontrar, já fui passando para a quarta porta, porque pra mim foi a mesma coisa que foi o encontro com o conhecimento. A espiritualidade me leva ao conhecimento, talvez seja isso.

Nesse momento P falou:

“Eu acho legal fazer como ela fez, juntar a terceira com a quarta. Eu também vi assim, as duas juntas. É difícil separar, eu também não consegui separar.”

S e AP também concordaram. Percebemos que a decisão em juntar as categorias da mulher espiritual e da mulher sábua apareceu de forma espontânea. C comentou sobre a espiritualidade levar ao conhecimento, à sabedoria do Todo. Para Bogado (2005), o conhecimento é *Sophia*, a sabedoria.

Sobre a mulher sábua, C mostrou uma tatuagem no punho:

Eu queria falar da mulher, isso aqui é o símbolo do sagrado feminino que é a menina, a mãe e a idosa dos celtas. A idosa a gente pensa na idosa que tem a sabedoria, mas eu não vi uma mulher velha, eu vi uma mulher madura, mais velha que agente. Linda! Linda! Uma mulher linda! Cabelo longo, castanho claro, nem loiro e nem moreno, marcas do tempo. Linda! Linda! Também de túnica azul, cabelo meio preso por uma pequena jóia e a roupa não era fluída, era uma túnica de um veludo azul meio claro e meio escuro. Talvez medieval. Ela me passou a sabedoria do Todo. Ela é o conhecimento. O conhecimento com amor imensurável em relação a mim e a todos. Porque ali quando eu passei essa porta já não era mais individualizada. Eu era eu, mas éramos todas aqui. Eu não pensei nelas (as participantes) individualmente, mas eu não era eu individualmente. Foi muito boa essa sensação de união, de amor pleno, de alma. O amor pleno como meta final.

Percebemos a ligação de C com a tradição celta e sua ligação com o feminino, representado pela tatuagem. C ficou maravilhada com a beleza da mulher sábia, uma beleza ligada ao amadurecimento e à sabedoria. Essa sabedoria inundada pelo amor Universal, onde os temas de amor pleno, de alma e união estão presentes. Ao ouvir as palavras de C as participantes suspiraram como se sentissem a profundidade e a intensidade da experiência vivida por C. Essa percepção do Todo da participante, de se ver como um indivíduo e ao mesmo tempo, uma pessoa indivisa e integrada dentro do desenvolvimento psicológico, segundo Stein (1998), está relacionada à individuação.

Tema 5 – amor absoluto e sentimento de gratidão

A pesquisadora se emocionou com as palavras de C e foi envolvida por um enorme sentimento de gratidão por todas as mulheres presentes. Demonstrando afetividade, com lágrimas nos olhos, agradecendo a presença de todas. As participantes também agradeceram o convite e a oportunidade de vivenciarem o momento. Percebemos que, ao falar de amor Universal e espiritual, o tema da gratidão emergiu no ambiente.

S: “Obrigada você pelo carinho que recebeu a gente!” e P: “Você não tem idéia o bem que me fez!” e AP: “Nunca fiz nada igual. Adorei! Obrigada!”.

S também vivenciou o sentimento do Todo:

Sabe quando você vê essa transformação que parece que eu entrei em contato com o meu ‘eu’ mais íntimo e aí é uma sensação de leveza, de tranqüilidade e de que você faz parte do Universo, que faz parte do Todo e que eu sou uma centelha divina. Que propósito que nos uniu hoje? Uma sensação de agradecimento, de gratidão, de contemplação e de paz. A sensação maravilhosa de você sentir que você faz parte de um Todo e que você está no Universo. As coisas que chegam a você, as coisas que você recebe e transmite. Essa troca. Uma sensação de plenitude, sensação de estar plena. “Não cai uma folha sem o consentimento Dele, Deus.

Tema 6 – sentimentos de paz, contemplação e plenitude

A quarta porta nos leva a entrar em contato com nosso ‘eu’, com nossa essência mais profunda e com a visão do Todo novamente. Sentimos que S e C vivenciaram o amor mais profundo que o amor romântico, mostrando que, ao

falamos do Universo, parece não existir medo, insegurança, cobrança, sentimentos de falta, paixão, desejos carnis, conteúdos sombrios e resistência. Nessa categoria surgem sentimentos de tranqüilidade, paz, gratidão, segurança, contemplação, leveza e plenitude. Segundo Leloup (1998), a pacificação do desejo nos conduz à contemplação. Sabemos que a sensação de plenitude e totalidade interior é a busca dos homens para C.G.Jung (1977).

A mulher-sábua, para C, tinha uma vestimenta medieval, uma túnica azul de veludo, e as mulheres:

“Sobre as mulheres pensei na minha mãe, tias, prima, filha, avó e amigas.”

Mulheres nas diferentes etapas da vida, mas provavelmente todas essas, de alguma forma, possuem o conhecimento da vida.

AP também viu uma mulher parecida:

“A mulher era ruiva, uma roupa meio medieval, cabelo longo e preso, uma coisa de mãe.”

Sobre a chave entregue pela mulher sábia da vivência, C falou:

“Eu trouxe a chave comigo, não deixei pra ela, não. Guardei no bolso. Você não falou se era para trazê-la ou deixá-la. Ela entregou. Eu trouxe, é dourada. É minha.”

Tema 7 – chave do conhecimento

A chave representando o conhecimento foi entregue, e C parece ter gostado de receber, tomando posse daquilo que é seu. AP também recebeu a chave da mulher que parecia uma mãe.

“Ela me dava a chave e falava assim: É tua a chave. Foi como se ela dissesse: Esse é seu papel no mundo, faz o que você tem que fazer. Foi bem emocionante e eu me senti assim: Estou pronta!”

S comentou sobre a terceira porta:

A terceira porta não tinha cor, mas essa porta vinha um cor-de-rosa e um dourado junto. Uma porta muito iluminada e parecia que quando eu estava fazendo a passagem por essa porta o caminho já estava florido. Sabe quando você já vê como se estivesse uma passarela com flores no caminho.

S também trouxe a porta iluminada como a participante C: a iluminação, a luz na entrada do caminho de flores.

Tema 8 – o cálice do Graal

Já na quarta categoria, S relata:

Na quarta porta parecia que eu estava entrando na biblioteca da vida. Sabe vários livros, como se cada livro fosse uma história, uma vida. Como se naquela hora havia me sido entregue além da chave, um cálice, o meu livro da vida e tinha mais uma coisa que agora me fugiu. Alguém me colocou e me deu a chave do conhecimento, o livro da vida e o cálice.

Percebemos a biblioteca da vida como o conhecimento do Todo e podemos falar que o cálice entregue à S seja a imagem simbólica do Cálice do Graal, assim a chave do conhecimento da vida pode ser relacionada com o Graal: o Graal como recipiente do conhecimento e revelação da verdade, segundo Cavalcanti (2008).

A pesquisadora observou que S demorou mais tempo para retornar das vivências. Ao retornar, S comentou:

“Nossa fui longe! Desliguei-me completamente!”

Ainda S comenta sobre a mulher sábia:

A figura que me veio foi uma mulher madura, muito bonita e que exalava esse conhecimento e essa sabedoria e ao mesmo tempo quando acabou eu pensei era Maria Madalena, a visão que eu tive. Ela apareceu pra mim que é a sabedoria. Pra mim era Maria Madalena. Como será que foi Maria Madalena fisicamente? Não sei como que ela foi e será que foi ela que eu vi? Resumindo se tinha que materializar esse conhecimento, pra mim foi ela.

Tema 9 – imagem de Maria Madalena (mulher-sábia)

A imagem da mulher madura apareceu novamente como C falou, mas nessa vivência a participante S relacionou à Maria Madalena. Associou a imagem de Madalena ao conhecimento, à chave e ao Graal. O Graal como cálice, representando Maria Madalena, segundo Starbird (2004). Buscar o Graal é a busca do conhecimento profundo para Alvarenga (1997).

Tema 10 – amizade

S também falou sobre as mulheres atuais:

Revi as verdadeiras amizades, as pessoas que foram sendo colocadas no meu caminho. Veio-me a minha mãe. Vendo as mulheres presentes na minha vida, a minha sogra com todas as dificuldades de relacionamento, mas elas são mulheres sábias. Você vê que na simplicidade da minha mãe, que é uma pessoa super simples e humilde, eu vejo quanta sabedoria ela tem e de repente eu não estava conseguindo nem enxergar isso. Você vê que na simplicidade dela, a grandeza de espírito que ela tem. Foi lindo!

A participante se emocionou ao falar da mãe, demonstrando muito carinho, chorando. Percebemos o tema da amizade e das mulheres da sua vida, todas sábias e importantes nas diferenças e na simplicidade. Podemos pensar que a grandeza de espírito está na sabedoria, na humildade e na simplicidade.

Passamos para P:

A terceira porta foi um olhar para dentro e foi como se eu estivesse fazendo uma retrospectiva da minha história. Foi como se eu estivesse fazendo um balanço de coisas difíceis, de fraquezas, de conquistas, de dificuldades.

Podemos falar em história de vida, assim com S, as participantes entraram em contato com sua história, com seu livro. Pensamos que no amor Universal surge o tema da história de vida de cada um e da humanidade. Cada momento de nossas vidas traz um caminho trilhado com muitas experiências. Talvez em contato com o Todo possamos olhar a nossa história de forma mais ampliada, olhando o caminho como um todo e não passo por passo, obstáculo por obstáculo.

Nesse caminho P nos conta com entusiasmo:

Puxa! Estou conseguindo! Estou caminhando, recolhendo tudo isso de bom, de ruim que eu já passei e estou construindo outra coisa. Sentimento de segurança, de vontade de realizar e sentimento forte de capacidade em reviver coisas boas. E tudo isso me jogou realmente pra quarta porta, uma projeção para quarta porta de olhar para as mulheres que eu tenho admiração.

Tema 11 – mudanças em busca do novo

Podemos falar que P, ao olhar o caminho, a sua história de vida, adquiriu a força e a coragem de se arriscar ao novo. Para Bogado (2005) há uma dimensão feminina que não teme o desconhecido e a morte.

P, ao entrar na categoria da mulher sábia, comentou:

Eu pensei na minha mãe que é uma pessoa que eu tenho uma relação muito difícil, mas que eu admiro. Nós somos muito diferentes, nós brigamos muito, somos muito diferentes, mas eu admiro a força dela, a persistência e o quanto ela se supera, ela cai, ela levanta e ela consegue. Eu pensei muito em pessoas como minha supervisora que foi uma pessoa muito importante e morreu e eu tenho pensado muito nela. Uma pessoa que estava muito próxima e me dava uma palavra de coragem, de força. Eu me lembrei de mulheres mais velhas de sabedoria e de repente eu pensei em pessoas amigas, colegas que eu admiro. Uma amiga que está na África que também é psicóloga e está fazendo um trabalho, que largou tudo. Largou os amigos, a família, tudo e está fazendo um trabalho dedicado a pacientes de HIV. Eu me lembrei dela e pensei: Essa mulher é demais! Eu admiro essa mulher. Então o quanto o pouquinho de cada uma delas eu quero ter dentro de mim. Foi um fechamento bem gostoso, poder pensar nessas pessoas que são muito queridas e amadas.

Percebemos, nas palavras de C e S, que as mulheres são sábias dentro da sua história de vida e o quanto que cada mulher pode ser admirada e amada. Notamos que a figura da mãe esteve presente nas vivências de C, S e P e AP.

Tema 12 – relação maternal

Diante disso podemos concluir que o tema do materno tem muita importância na questão da sabedoria.

AP também nos trouxe o materno, ao descrever a mulher sábia:

“Parecia minha mãe, mas minha mãe não é assim. Ela me abraçava e eu me encostava como uma mãe, para mim era minha mãe ali. Uma mãe! Ela não era velha, ela era uma mulher madura.”

Tema 13 – necessidade de autoconhecimento

Conforme as palavras de C:

“Pra mim não se chega ao sagrado sem o autoconhecimento”, assim como para P: “Pra mim a busca do conhecimento é essencial. Saber ouvir, saber falar, se expressar, se conhecer, conhecer as pessoas e se transformar são primordiais para o ser humano.”

Notamos que o tema do autoconhecimento é importante no caminho da transcendência e da busca da sabedoria. Podemos concluir, diante dessas colocações, que o caminho ao sagrado começa com o autoconhecimento para aí, sim, atingir a sabedoria do Todo. Conhecer-se para Cavalcanti (1993) é não negar qualquer dimensão do feminino.

AP vivenciou a categoria espiritual de maneira diferente:

Na terceira eu me vi num ambiente muito urbano, na cidade, o nosso dia-a-dia, o cotidiano. Todos os lugares que eu vou. Eu tenho uma vida bem ativa. Eu me vi nesse meio e eu me vi sendo o elo como um elemento harmonizador, um elemento que une as pessoas, harmoniza os ambientes. Alguma coisa como se eu que unisse um lado com o outro e uma ternura nas pessoas, as pessoas muito simples, um olhar. O tempo todo tinha muita ternura. Um olhar de muita compreensão com as pessoas. Observando as pessoas e um olhar muito de compaixão, muito de harmonização, como se eu fosse o elemento que une e harmonizando as coisas antagônicas, as brigas.

AP parece trazer o amor Universal para o cotidiano, no dia-a-dia. Percebemos que podemos ser um elo entre a nossa vida rotineira e o Todo.

P trouxe a ternura, a compreensão, a compaixão e a harmonização do amor Universal. A compaixão liberta o outro, segundo Leloup (1998).

Diante da quarta categoria, AP nos fala:

Muito legal! Muito louco! Os anjos ficavam no alto e eles vinham conversar comigo. Então quando eu queria ler um livro, o livro era transparente, aí o livro se transformava num anjo e ele vinha e conversava passando o ensinamento do livro.

Percebemos os anjos como portadores do ensinamento e da sabedoria, representando os livros com vida. Vemos a imagem de anjo como o mensageiro de Deus, representando o elo entre o homem e Deus.

Tema 14 – a força e coragem da mulher

Sobre as mulheres atuais, AP comenta:

Quando eu pensava nas mulheres, eu pensava em mulheres que são parceiras de grandes homens, que fazem um trabalho e tem ações muito discretas. Eu queria lembrar uma que não tem um homem ao lado, mas não vinha nenhuma. Todas são parceiras, sabe aquela grande mulher atrás de um grande homem! As grandes mães, as grandes companheiras, esposas. Mas sempre a mulher que dá o suporte, a mulher que dá estrutura, a mulher terra. Ela que dá a base para alguma coisa acontecer. Todo trabalho de base, todo, físico, material, emocional, espiritual para que alguma coisa aconteça. Acho que a Mãe Terra me veio. É isso!

Percebemos que AP parece ver a força, a coragem, a capacidade e a sabedoria da mulher como a que alimenta e nutre o homem.

As cartas:

Sobre as cartas do feminino retiradas pelas participantes, começamos com as que mais as sensibilizaram.

Para AP, a categoria que mais a sensibilizou foi a da mulher romântica.

Eu falo primeiro: a carta é o ‘apetite’ porque tem o casal, a parceria, o reencontro da segunda vivência do amor romântico. Foi forte pra mim!” Mais adiante ela mostra a carta do ‘amor’: O amor é o que mais me tocou e a mulher da imagem tem flores e é como se ela tivesse doando. É uma coisa de doação, de estar para o mundo. Isso ficou bem forte em todas as vivências, é doação, do servir. Levando flores, eu achei isso lindo. Levando flores para o mundo.

P nos fala de outra carta e relata que a categoria de maior identificação foi a da mulher sábia.

A carta que eu escolhi é ‘servir’ porque tem uma coisa de se doar, de cuidar ligada à última vivência da mulher sábia, que foi quando eu me lembrei de todas as mulheres importantes pra mim e todas de alguma forma servem, se doam e cuidam do outro.

S se sensibilizou com as categorias da mulher espiritual e da mulher sábia:

A minha carta é a ‘entrega’ que representa a terceira e a quarta vivência. A terceira, que é a do amor Universal e a quarta, das mulheres que transmitem conhecimento. Essas foram as mais fortes pra mim: essa doação e entrega pro Universo, de que você faz parte de um Todo, que nós somos uma centelha divina.

C comenta que as categorias da mulher espiritual e sábia também foram as mais importantes:

Pra mim também a terceira e a quarta foram as que mais me tocaram, que pra mim foi uma só, a carta também foi a da 'entrega'. Mas ao mesmo tempo a entrega é: Olha estou aqui para servir, mas também para entrar em contato com todas as minhas facetas. A entrega total, sem preconceito, sem julgamento comigo mesma em primeiro lugar que eu sei o quanto eu sou crítica. A entrega de ir a essa luz, mas sem deixar de vivenciar todas as sombras. Acho que aí entra Maria Madalena que são todas as mulheres juntas numa só: o pecado e o sagrado estão juntos. Eu estou em busca da espiritualidade e da luz. Não vou me transformar em Virgem Maria. Não estou pronta pra isso. Só existe luz por causa da sombra e vice-versa. Vivemos num mundo dual. Se a gente não incorporar isso existe o conflito. A entrega nesse sentido. A liberdade de poder exercer tudo o que eu vim fazer aqui como humana, como alma.

Percebemos que C traz a necessidade da mulher em integrar todas as suas facetas, desde a sombra até o sagrado. C também traz a imagem de Maria Madalena como aquela que integra a sombra e a luz, o profano e o sagrado. A participante nos comenta sobre a necessidade da busca da espiritualidade e do conhecimento e a importância da polaridade no mundo. Parece que C não se identifica com Virgem Maria, talvez pelo fato de que as mulheres modernas precisam de Madalena para projetar suas sombras, segundo Bogado (2005).

Podemos observar que as participantes mais se identificaram com os aspectos do feminino das categorias da mulher romântica, espiritual e sábia, demonstrando que as participantes se identificam com a 'entrega' e o 'servir' de corpo e alma às próprias questões e às da humanidade.

Ainda podemos ressaltar que, mesmo as participantes demonstrando nas vivências desejos carnis e prazer, ainda há resistência pelo lado carnal, sendo que não foi escolhida nenhuma carta de prazer, desejo, sedução e êxtase. Parece que, em pleno século XXI, ainda existam tabus referentes à sexualidade da mulher. Percebemos que C valoriza a importância da mulher na integração de todas as suas facetas, desde a sombra até o sagrado. C também traz a imagem de Maria Madalena como aquela que integra a sombra e a luz, o profano e o sagrado.

Para finalizar, as participantes escolheram as cartas com que menos se identificaram.

Segundo C:

Acho que é a carta do 'prazer', pela própria dificuldade de entrega, do tabu. Mas no processo todo eu acho que a carta da 'paciência' é a mais indicada. Eu sou meio pavio curto. Todo mundo está no caminho, cada um no seu ritmo. Tenho que ter paciência e não tenho muita paciência pra gente que está dormindo.

Conforme P nos fala:

Eu me identifiquei com todas as vivências, mas a carta que eu sinto que eu não me identifico é o 'divertimento' porque não dá para se brincar num processo de amadurecimento.

Percebemos que todas as participantes apoiaram essa colocação.

Também, para S, o processo de autoconhecimento é sério:

Eu me cobro demais compromissos. A minha carta também é 'divertimento'. Não consigo achar que esse processo seja feito na brincadeira.

AP reforça a escolha da carta do 'divertimento' no processo:

"A minha carta também é a carta do 'divertimento'."

Percebemos que as participantes vêm seus caminhos de amadurecimento emocional e espiritual como um processo árduo e difícil, mas extremamente necessários para a evolução.

Por que não termos 'divertimento' nesse trajeto?

Podemos levantar hipóteses do porque o caminho de autoconhecimento emocional e ascensão espiritual sejam árdusos e difíceis.

Talvez as participantes não consigam relacionar as dificuldades de um processo de crescimento e amadurecimento interior e espiritual com divertimento e alegria.

Parece que todas as participantes parecem valorizar os sofrimentos e conflitos no processo de amadurecimento. Mas, talvez possamos olhar a nossa 'dor' com menos peso e mais alegria.

Ser alegre e se divertir não significa falta de seriedade, comprometimento, responsabilidade ou amadurecimento.

Ter divertimento e alegria nos traz otimismo e esperança no 'caminhar', e o caminho passa a ser mais florido. No caminho há espinhos, mas esses podem ser contornados com alegria e encarados como possibilidades de crescimento.

Conforme Martinelli (1996), o valor humano 'alegria' só desaparece quando eclipsada pela falta de autoconhecimento e pela ausência de amorosidade. A capacidade de superação de problemas é alimentada pela alegria de viver.

4.1 Considerações sobre o processo grupal

Podemos analisar o processo do grupo vivencial desde a chegada ao local até a finalização de todo o trabalho.

O grupo demonstrou muito entusiasmo e curiosidade ao entrar na sala ao se deparar com a decoração do ambiente. Percebemos a essência do feminino presente no ambiente.

Sentimos, desde o início, que todas as participantes pareciam se conhecer, pela harmonia que se instalou no ar. Todas se apresentaram umas às outras e sorriram com simpatia.

O grupo se entregou à pesquisadora demonstrando confiança, assim todas conseguiram relaxar e vivenciar a proposta com naturalidade e espontaneidade.

Percebemos que o grupo se emocionou e realmente participou da pesquisa, sendo possível verificarmos o quanto o procedimento do grupo vivencial foi importante, tanto para as participantes, quanto para a pesquisadora.

Concluimos que as participantes deixaram aflorar sentimentos e emoções íntimas, compartilhando tudo ao grupo com muita sinceridade e respeito para com as experiências de todas as mulheres presentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho iniciou-se com o objetivo de compreendermos aspectos do feminino das mulheres contemporâneas à luz do mito de Maria Madalena.

A proposta desse trabalho de pesquisa foi alcançada, pois, através da experiência do grupo vivencial, foi possível coletar dados, aproximando as mulheres contemporâneas com o Mito de Maria Madalena.

A imagem de Maria Madalena foi abordada do ponto de vista simbólico e não como realidade histórica, demonstrando a importância da constelação desse símbolo na atualidade. Percebemos, através da pesquisa, que o símbolo arquetípico de Maria Madalena pode ser constelado.

Através da vivência, pudemos perceber o quanto as mulheres entraram em contato com os aspectos do feminino: com a mulher carnal, a romântica, a espiritual e a sábia. Assim como Maria Madalena, que parte dos desejos carnis e profanos e através do amor, se transforma e vivencia a visão da alma e do amor universal e, através do conhecimento, alcança o divino. Maria Madalena integra a sexualidade à transcendência.

A descoberta mais interessante nesta pesquisa foi a possibilidade e facilidade com que as participantes conseguiram entrar em contato com as manifestações arquetípicas do inconsciente coletivo.

Sentimos a inspiração de Maria Madalena em cada página escrita, na elaboração da vivência e principalmente no grupo vivencial. Parecíamos ser guiadas pela sua presença na busca do novo, e o Feminino parecia estar presente em tudo.

Escrever sobre Maria Madalena foi fascinante. Trabalhar o feminino na sombra e na luz, desde o profano até o sagrado, nos possibilitou despertar um sentimento de amor e plenitude. Através do contato com as participantes sentimos muita gratidão pelo tema escolhido e também por todas as mulheres.

Esse trabalho nos revelou que as mulheres, independentemente do estado civil, idade ou profissão refletem e questionam sobre os aspectos do feminino.

Nesse trabalho notamos a necessidade do autoconhecimento como algo fundamental para alcançar o sagrado, além da importância do mergulho nas nossas profundezas e de lidar com as nossas sombras para que possamos atingir a luz. Luz que, simbolicamente, representa a consciência. Nosso caminho pode ser inspirado

no mesmo de Madalena, que parte do feminino - profano e, através do amor e autotransformação, alcança o sagrado.

Através dos obstáculos e conflitos podemos despertar a força que nos liberta e nos transforma. Percebemos como as mulheres têm a necessidade da busca de uma nova identidade de acordo com sua essência, em busca de algo mais significativo.

Ao tomarmos simbolicamente Maria Madalena e relacionarmos seu mito às mulheres, podemos resgatar a conexão com o Feminino e com o sagrado, despertando para uma nova consciência.

Percebemos que o caminho da espiritualidade passa pela reconciliação com o feminino, e lidar com os desejos profanos também faz parte do caminho em direção ao conhecimento.

Descobrimos na pesquisa que, embora as mulheres contemporâneas procurem vivenciar seus desejos carnis e seus prazeres, ainda hoje, em pleno século XXI, demonstram certa resistência em lidar com esta dimensão do Feminino.

Pudemos perceber a importância que o autoconhecimento e o conhecimento do mundo são fundamentais para alcançar a sabedoria do Todo. Assim como Maria Madalena, elas também são sedentas por conhecimento.

As mulheres contemporâneas não aceitam o ato sexual ligado à submissão pelo parceiro. Elas desejam sentir prazer e liberdade. Atualmente as mulheres não querem apenas o papel de esposa ideal, obediente ao marido. Necessitam de maiores realizações e de desempenhar outros papéis sociais.

Outra descoberta na pesquisa é que as mulheres contemporâneas não se identificam com a santidade da imagem arquetípica da Virgem Maria, pelo fato da dimensão da mulher carnal necessitar de uma imagem para se expressar. Diante disso, Maria Madalena aparece como a imagem das projeções das mulheres atuais.

Observamos, na pesquisa, que o amor é transformador, e as mulheres necessitam vivenciar a paixão, o amor romântico e o amor Universal para se sentirem plenas.

Foi possível relacionar, através da pesquisa, a imagem da mulher sábia com o símbolo do Graal. Podemos concluir que o tema da busca do Graal se refere ao processo de transformação da consciência e que Maria Madalena pode nos trazer inspiração no caminho da busca pela Totalidade.

Esse trabalho nos encantou e nos trouxe muita gratificação pelo simples fato de que, através dele, sentimos que a grandeza de espírito está no amor, na gratidão e na sabedoria.

Através desse trabalho pudemos aplicar tudo o que descobrimos no atendimento clínico às mulheres, que necessitam integrar todas as suas facetas do Feminino. Temos como meta dar continuidade ao trabalho, abrindo perspectivas de se trabalhar o feminino através da imagem arquetípica de Maria Madalena em grupos de mulheres.

Descobrimos, durante todo esse caminho, o quanto a imagem de Maria Madalena está presente dentro de cada mulher, e podemos finalizar o trabalho com o seguinte dizer: “O prazer, o romance, o amor divino e o conhecimento do Todo estão muito perto de nós; basta tirarmos as vendas e olharmos para nós mesmos.”

Os olhos foram feitos para ver coisas insólitas,
Fez-se a alma para gozar da alegria e do prazer.
O coração foi destinado a embriagar-se
Na beleza do amigo ou na aflição da ausência.
A meta do amor é voar até o firmamento.
A do intelecto, desvendar as leis e o mundo.
Para além das causas estão os mistérios, as
Maravilhas.
Os olhos ficarão cegos
quando virem que todas as coisas
são apenas meios para o saber.

Jamal ud-Dim Rumi
Cavalcanti (2004, p.168).

ANEXOS

ANEXO A - O EVANGELHO DE MARIA – MIRYAM DE MÁGDALA

Traduzido e Comentado por Jean-Yves Leloup

Edição Brasileira: Tradução de Lise Mary Alves de Lima

Editora Vozes – 2006

[Página 8]

- 1.“O apego à matéria
2. gera uma paixão contra a natureza.
3. É então que nasce a perturbação em todo corpo;
4. é por isso que eu vos digo:
5. ‘Estejais em harmonia...’
6. Se sois desregrados
7. inspira-vos em representações
8. de vossa verdadeira natureza.
9. Que aquele que tem ouvidos
10. para ouvir, ouça.”
11. Após ter dito aquilo, o Bem-Aventurado
12. saudou-os a todos dizendo:
13. “Paz a vós – que minha Paz
14. seja gerada e se complete em vós!
15. Velaí para que ninguém vos engane
16. dizendo:
17. ‘Ei-lo aqui,
18. Ei-lo lá’.
19. Porque é em vosso interior
20. que está o Filho do Homem;
21. ide a Ele:
22. aqueles que o procuram o encontram
23. Em marcha!
24. Anunciai o Evangelho do Reino.”

[Página 9]

1 “Não imponhais nenhuma regra,
2 além daquela da qual eu fui o Testemunho.
3 Não ajunteis leis às dadas por Aquele que vos deu a Tora
4 a fim de não vos tornardes seus escravos.”
5 Tendo dito isto, Ele partiu.
6 Os discípulos estavam em aflição;
7 eles derramaram muitas lágrimas, dizendo:
8 “Como ir até os pagãos e anunciar
9 o Evangelho do Reino do Filho do Homem?
10 Eles não o pouparam,
11 como eles nos poupariam?
12 Então, Maria se levantou,
13 ela os beijou a todos e disse a seus irmãos:
14 “Não fiquéis pesarosos e indecisos,
15 porque Sua graça vos acompanhará e vos protegerá:
16 em vez disso louvemos Sua grandeza,
17 porque Ele nos preparou.
18 Ele nos convida a sermos plenamente Humanos (Anthropos).”
19 Com estas palavras, Maria voltou seus corações para o Bem;
20 as palavras do Mestre tornaram-se claras para eles.

[Página 10]

1 Pedro disse a Maria:

2 “Irmã, nós sabemos que o Mestre te amou

3 diferentemente das outras mulheres.

4 Diz-nos as palavras que Ele te disse,

5 das quais tu te lembras

6 e das quais nós não tivemos conhecimento...”

7 Maria lhes disse:

8 Aquilo que não vos foi dado escutar,

9 eu vos anunciarei:

10 eu tive uma visão do Mestre,

11 e eu lhe disse:

12 ‘Senhor, eu te vejo hoje

13 nesta aparição’.

14 Ele respondeu:

15 ‘Bem-aventurada, tu que não te perturbas à minha vista.

16 Onde está o *nous* aí está o tesouro.’

17 Então, eu lhe disse:

18 ‘Senhor, no Instante, aquele que contempla

19 Tua aparição,

20 é pela psique (alma) que ele vê?

21 Ou pelo *Pneuma* (o Espírito, Sopro)?’

22 O mestre respondeu:

23 ‘Nem pela psique nem pelo *Pneuma*;

24 Mas o *nous* estando entre os dois,

25 é ele que vê e é ele que (...)”

[Página 15]

(faltam as páginas 11 e 14)

1 “Eu não te vi descer,
2 mas agora eu te vejo subir”,
3 diz a Cobiça.
4 “Por que tu mentes, já que fazes parte de mim?”
5 A alma respondeu:
6 “Eu, eu te vi,
7 tu, tu não me viste.
8 Tu não me reconheceste;
9 eu estava contigo como uma vestimenta,
10 e tu não me percebeste.”
11 Tendo dito isto,
12 ela se foi toda contente.
13 Depois apresentou-se a ela o terceiro clima,
14 chamado Ignorância;
15 Ela interroga a alma perguntando-lhe:
16 “Aonde vais?
17 Não estavas dominada por uma má inclinação?
18 Sim, tu estavas sem discernimento, e tu estavas em servidão.”
19 A alma disse então:
20 “Por que me julgas? Eu não te julguei.
21 Dominaram-me, eu não dominei;
22 não me reconheceram,
23 mas eu, eu reconheci
24 que tudo o que é composto se decomporá
25 sobre a terra como no céu.”

[Página 16]

- 1 Libertada deste terceiro clima, a alma continua a subir.
- 2 Ela se apercebe do quarto clima.
- 3 Este tinha sete manifestações.
- 4 A primeira manifestação é a Treva;
- 5 a segunda, a Cobiça;
- 6 a terceira, a Ignorância;
- 7 a quarta, a Inveja mortal;
- 8 a quinta, a Dominação carnal;
- 9 a sexta, Sabedoria bêbada;
- 10 a sétima, Sabedoria astuciosa.
- 11 Tais são as sete manifestações da Cólera
- 12 que oprimem a alma de perguntas:
- 13 De onde tu vens, homicida?
- 14 Para onde tu vais, vagabunda?”
- 15 A alma respondeu:
- 16 “Aquele que não oprimia foi condenado à morte;
- 17 aquele que me aprisionava não existe mais;
- 18 minha cobiça então se apaziguou
- 19 e eu livrada de minha ignorância.”

[Página 17]

1 “Eu saí do mundo graças a um outro mundo;
2 uma representação se apagou
3 graças a uma representação mais elevada.
4 De agora em diante eu vou para o Repouso
5 onde o tempo repousa na Eternidade do tempo
6 Eu vou para o Silêncio.”
7 Depois de ter dito isso, Maria se calou.
8 É assim que o Mestre conversava com ela.
9 André então tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos:
10 “O que pensais vós do que ela acaba de contar?
11 De minha parte, eu não acredito
12 que o Mestre tenha falado assim;
13 estes pensamentos diferem daqueles que nós conhecemos.”
14 Pedro ajuntou:
15 “Será possível que o Mestre tenha conversado
16 assim, com uma mulher,
17 sobre segredos que nós mesmos ignoramos?
18 Devemos mudar nossos hábitos;
19 Escutarmos todos esta mulher?
20 Será que ele verdadeiramente a acolheu e a preferiu a nós?”

[Página 18]

1 Então Maria chorou.
2 Ela disse a Pedro:
3 “Meu irmão, Pedro, que é que tu tens na cabeça?
4 Crês que eu sozinha, na minha imaginação,
5 inventei esta visão,
6 ou que a propósito de nosso Mestre, eu disse mentiras?”
7 Levi tomou a palavra:
8 “Pedro, tu sempre foste um irascível;
9 vejo-te agora te encarniçar contra a mulher,
10 como o fazem nossos adversários.
11 Pois bem! Se o Mestre tornou-a digna,
12 quem és tu para rejeitá-la?
13 Seguramente, o Mestre a conhece muito bem...
14 Ele a amou mais que a nós.
15 Arrependamo-nos,
16 e nos tornemos o ser humano (Anthropos) em sua inteireza;
17 Deixemo-lo lançar raízes em nós
18 e crescer como Ele pediu.
19 Partamos a anunciar o Evangelho
20 sem procurar estabelecer outras regras e outras leis
21 afóra aquela da qual Ele foi o testemunho.”

[Página 19]

- 1 Depois que Levi pronunciou estas palavras,
- 2 eles se puseram a caminho para anunciar o Evangelho.

3

EVANGELHO
SEGUNDO
MARIA

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa está sendo realizada pela aluna Vivianne Furtado Marzola, estudante da COGEAE (Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão) PUC-SP, como uma das atividades que compõe seu aprendizado e formação do Curso de Especialização Latu Sensu – ABORDAGEM JUNGUIANA: LEITURA DE REALIDADE E METODOLOGIA DE TRABALHO, sendo orientada pelo Prof. Dr. DURVAL LUIZ DE FARIA.

O tema da pesquisa é Maria Madalena – O Eterno Feminino.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será sigilosa, uma vez que seu nome, bem como quaisquer outros dados que poderiam identificá-lo, não serão divulgados em nosso trabalho. Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará quaisquer danos à sua pessoa.

Agradecemos a sua participação, enfatizando que a mesma contribui para a construção de um conhecimento atual nesta área da Psicologia.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu,

Portador do RG _____, autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados por mim fornecidos.

São Paulo, _____

Assinatura

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS

Após a vivência simbólica:

- V: Agora eu gostaria que vocês se sentassem e que cada uma comentasse como vivenciou cada uma das etapas. Podemos começar com a primeira etapa.

Primeira etapa: mulher carnal.

- C: A primeira etapa eu acho que é a mais fácil de conectar-se até porque é a matéria. Então por outro lado, tem a dificuldade da (ficou pensativa). Apesar de não ser nada puritana, existe a dificuldade de encarar o lado carnal, de aceitar. Então é assim, existe esse lado em mim, é latente, mas quando eu me coloco entrando numa sala e vendo só isso, existe certa resistência, certo tabu. Ainda mais você permitindo.

- V: Fala-me sobre isso.

- C: Acho que um tabu da criação familiar, não só da família, mas da mulher no geral. Estou solteira, fico com vontades, mas estou me adaptando com o novo momento. Temo ainda esse novo. (mudou de assunto e retornou à vivência). Senti certa densidade, era mais denso mesmo e isso com o passar das experiências foi mudando nas outras vivências, ficando mais leve. Mas, é legal você se identificar e poder ter a liberdade de se identificar. Não sei se foi porque foi o começo das vivências ou foi porque é mais denso mesmo. Era mais denso, isso é nítido. Deve ser porque é a coisa do corpo. Depois foi ficando mais fácil. Não sei se por causa da energia. E há também o tabu.

- C: Ah! O ambiente era um lugar aberto, havia uma porta com luz que vinha por trás, saindo fumaça por baixo, sabe tipo inferninho. (riu). Vi muitas danças circulares, mulheres nuas em volta da fogueira, desejo, paixão, êxtase, corpos em liberdade. Lembrei-me dos rituais que fotografei na Chapada Diamantina, eram mulheres na caverna num ritual xamânico. As mulheres tiravam as roupas e entravam nuas num lago e saíam do outro lado. Foi maravilhoso! Vi na vivência um clima de êxtase em cada pessoa individualmente, homens e mulheres, muito fogo, cores fortes, velas. A sedução era pelo olhar. O ambiente, o visual teve importância maior, não houve o toque.

- S: Nossa fui longe! Desliguei-me completamente! Eu me vi de roupa branca como uma túnica. Tive muita sensação de toque, que é o carnal, senti a pele, de

estar sendo envolvida e tocada, mas também não é aquele envolvimento que você fala que é de uma coisa espiritual, você sabe que é carnal. Muita sedução! Aquela sensação de seduzir e de ser seduzida. Foi essa sensação que me veio e veio forte. Cores fortes e quentes, vermelho. Foram essas as sensações, aí vi me soltar dessa carapaça, que é o rígido, que é o duro, que é o tabu. Querendo sabe que é esse jogo de dança, esse negócio da sedução. Sabe quando você está querendo sair dessa casca? Fui aceitando o corpo, “eu sou o que sou”.

- C: Quando ela falou de danças a primeira coisa que me veio foram as danças circulares mesmo, em volta da fogueira. Acho que isso tem haver com o ritual. Parece incrível, mas a gente está fazendo um trabalho meio parecido vou fazer um trabalho fotográfico do sagrado feminino e a gente vai unir isso. Essas danças em volta da fogueira, dessas mulheres nuas, é céltico mesmo.

- P: Praticamente eu me senti nua, não consegui imaginar nenhuma roupa. Eu realmente estava sem nada. Foi uma sensação muito boa, porque eu realmente me senti me entregando, abrindo a primeira porta e me entregando. Uma sensação de: Isso que eu te falei, assim, não consegui imaginar nem a roupa como sendo uma coisa que me contivesse, me segurasse ou me tampasse, era uma coisa de total liberdade. Eu acho que é isso, é uma coisa muito difícil, mas que a gente pode conseguir e eu acho que hoje eu vivi nesse momento e é realmente uma liberdade e foi tão intenso que eu acho que mostrou exatamente o que eu estou sentindo hoje. Sabe, assim de conseguir estar em paz comigo e poder viver intensamente tudo que eu estou sentindo, longe de tabus e é um trabalho muito difícil. Então quando você fala algumas coisas assim do tipo: entra, se solta, se imagina, se liberta. Nossa! Eu estou aqui e estou vivendo, estou conseguindo realmente curtir aquilo naquele momento, aquela porta que se abriu, foi maravilhosa, foi muito bom, uma sensação muito boa.

- P: Hoje eu posso me entregar além dessa porta, eu posso me entregar pra vida. Foi tudo difícil quando vivi a perda do meu marido há cinco anos, ele teve um enfarto súbito, foi difícil. Sofri muito, mas depois de muita terapia e medicamento, eu pude me refazer e hoje nesse momento me sinto livre e em paz. Acho que por isso tive coragem de passar pela porta.

- AP: Eu me vi com uma roupa bem esvoaçante como um vestido cheio de véus, muita leveza, muito branco, uma sala redonda, no centro como se fosse uma mesa, uma coisa que tivesse uma ligação com o alto. Também não era bem uma

sala era como se fosse um lugar redondo e aberto, muitas almofadas coloridas e um ambiente muito branco. A porta era branca simples de madeira. Havia dança, sedução, leveza, no centro da mesa da sala comidas, bebidas, aromas, óleos e muito toque, assim leve, coisa leve como se ficasse dançando levemente e tocando, toque , dança. (ela estava bem calma, ressaltava a palavra “leve”). É isso.

- C: Pra mim engraçado não tem toque não, é mais uma sedução do olhar e não tem nada de branco (todas riram dizendo é vermelho). Pra mim não tem claridade, inclusive a fumaça da porta, isso aqui seria legal fazer à noite, ao luar, ao ar livre, fogueira, fogo. Pra mim o fogo tem uma referência de sensualidade e não tem muito toque ainda não, é mais a coisa quente, o calor. O êxtase, mas de cada um separado mesmo. Eu só entro no branco depois na última. (riu com malícia).

- AP: Eu tava no branquinho, tudo era branquinho, só almofadas coloridas. Aliás, era branco pra caramba. Nossa não tem nem um vermelhinho?

Segunda etapa: mulher romântica

- C: Eu me vi com mulher na segunda etapa, não na primeira, com um romantismo, não sei se é porque eu tenho estudado uma fotógrafa mexicana que dava umas festas na casa dela, era casada e acaba tendo um caso com uma amiga, mas eu acho que o amor romântico tem essa coisa porque o amor romântico é mais feminino e é mais entendido pela mulher. Tanto que foi a etapa que mais me tocou com dor. (P. disse que também teve essa sensação). Até por eu estar me separando, o romantismo mesmo, porque fica mais fácil ficar na putaria e então agora é só isso. Aí vem não vou jamais me envolver e não é isso. Então veio essa coisa da dificuldade de entrega e de se aprofundar, no meu caso por causa do momento, não que eu esteja querendo putaria, tá meninas? Estou colocando os desejos. Nós estamos colocando os desejos, não vamos nos julgar, ainda não entrei na putaria. (é muito engraçada, todas riem e ela também). Mas o que eu quero dizer é o sentimento mesmo da dificuldade, mas pela dor. O romantismo é mais fácil da mulher entrar, é muito mais fácil, eu acho né. Eu não me liguei muito na letra, só na melodia e na sensação. A entrega foi mais difícil aqui, de se aprofundar. Uma resistência de se aprofundar, não uma dificuldade. Agora eu não quero pelo momento, nem pensar nisso, senão eu não consigo segurar a onda. Apesar de que é inevitável que a gente vá buscar, por exemplo, ainda não estou separada no papel, nada, a gente está conversando, e o que me vem quando sofro é que me lembro

quando eu tinha o amor romântico e não quando a gente viveu nos últimos dois anos. A saudade que dá é do amor romântico e não do que nós somos hoje. Então a mulher, ela é romântica por natureza.

- S: Nessa etapa parecia que eu estava mais aqui, eu estava ouvindo a letra da música. Sabe quando você vê o significado da letra e é uma música que eu gosto muito, então é aquele negócio que parece que você está lavando a alma, então é esse negócio do amor romântico, depois de tantos anos de casada você começa rever certas coisas e aí você vê que o amor se transforma, sai daquela paixão, daquela coisa de namorado.

- C: Essa transformação é cruel.

- S: É duro, aí você vê hoje um amor com o marido mais amadurecido. Foi sendo construído, mas o amor romântico mesmo ficou lá trás. Sabe é outro amor, é tão importante quanto, é diferente e a gente sente falta disso, por mais que esteja amadurecido, a gente sente falta daquela coisa romântica, boba e platônica.

- C: Eu não consigo viver sem o amor romântico, por isso que pra mim é difícil. Fiquei casada 18 anos, 19 vai fazer. (Não sei se vou chegar a fazer!). Mas eu não consigo viver sem, sem as duas primeiras portas, que também muda. Na terceira porta eu quero ficar sozinha, mas nessas duas eu não consigo. E é duro num relacionamento manter isso e eu não consigo.

- S: E aceitar isso sem cobrança, um amor sem cobranças, que se transformou, se modificou ao longo de 18 anos, mas sem cobrar. A gente deveria aceitar essa transformação, mas como a gente não cobrar o que passou?

- C: Esse é o segredo.

- P: É mais acho que tem haver também com o olhar para si, que quando você fala mudou, mudou, mas em 18 anos o quanto você também muda. As pessoas mudaram, não é o outro ou o sentimento que mudou, houve uma transformação em tudo. Puxa não dá mais pra ser como eu era há 18 anos.

- C: Mas você consegue ter o amor romântico com outra pessoa. Isso que é o duro. Eu ouvi essa frase do meu marido essa semana: Eu acho que hoje nós somos pessoas diferentes e ficamos estranhos um com o outro porque nós mudamos. Mas, eu não acho que você tem que se conformar com a mudança, você tem que procurar a paixão que é inerente ao ser humano. Está certo que o amor verdadeiro, se a gente pensar em amor, amor, não é o amor romântico, porque o amor romântico é o amor que cobra e que você quer o retorno. É o amor que você tem

alguma coisa que interessa no outro, seja, o carinho, a juventude, no caso dos homens normalmente, seja, um desejo de ter uma família estruturada. O amor da terceira porta é o amor universal que é o amor verdadeiro, que na verdade a gente está aqui para experimentar para chegar nesse amor. Mas quem quer esse amor no casamento só? Então é um encontro de almas gêmeas. A gente não está preparada ainda pra isso. É lindo, mas eu acho que nós no estágio que a gente está não estamos preparados pra isso. É difícil, mas nós, mulheres, queremos as três portas: a coisa da sexualidade sem tabu, o amor com paixão e romântico e um amor verdadeiro. Mas parece distante do que vivemos, pelo menos pra mim.

- P: Às vezes você não consegue isso numa única relação. Nós não estamos preparados ainda pra isso numa única relação. O homem passa a ver a mulher só como mãe, ou como amiga ou como companheira e não tem mais tesão e não sente mais prazer. A mulher não é só isso, ela assume outros papéis na sua vida. (C: aí procura fora e não se sente culpado.) Vê muito mais a imagem de amiga, de companheira, de guerreira e minha parceira do que aquela mulher que ele sente um tesão e quer rasgar a roupa da mulher e quer jogar na cama.

- C: E vice-versa.

- P: A mulher faz um esforço danado para aceitar e achar que não, ela ainda tenta olhar para o cara e pensa que ele ainda está certo.

- C: Tenta, mas não consegue. (riram muito!).

- P: Mas ela tenta porque, é a criação, ela tem que ver o cara como perfeito, meu marido é perfeito.

- S: A mulher tenta mesmo. O homem é bem isso, perdeu a juventude ele vai procurar fora e a gente mesmo vendo que ele está grisalho, careca e gordinho tenta com um olhar vê-lo diferente. A mulher muda o olhar em relação ao parceiro.

- P: Eu senti como elas nessa segunda porta, não tem jeito me remete ao momento que eu estou vivendo e eu fiz e consegui olhar e me separar da experiência antiga e olhando e uma sensação de olhar pra isso e perceber que foi muito bom. Foi realmente um amor com meu marido, foi uma experiência completa, mas está indo. Ele se foi. Eu senti como se estivesse entregando-o pro Universo. Foi um distanciamento gradual e inevitável. Uma coisa assim, (Os olhos se encheram de lágrimas expressando amor e saudade!) que separou e agora eu estou num novo momento. Foi forte! Obrigada!

- AP: A porta era de madeira grande e pesada. É o seguinte eu reencontrei alguém. Ai foi tão bonito! (Estava feliz!). Ai eu fiquei tão emocionada! Eu fiquei, foi um reencontro. Agora eu não sei quem é. Que lindo! É uma emoção assim, uma taquicardia como um reencontro. Sério, sério, estou me arrepiando de novo. Nossa, foi muito emocionante! E era assim, um ambiente externo também, nem um ambiente pra mim era fechado. Natureza, grama, árvore, aquela coisa bem natureza, cascata, flores. Lindo! A gente sentava na grama e eu, com as pernas passando por trás dele (ela demonstrou), e muito abraço, muito carinho. Um reencontro de parceiros, beijinhos assim, (fez gesto) carinho assim, uma coisa terna, ternura, muita ternura. Aquela coisa contemplativa, de ficar deitadinho junto, de se abraçar. Ai muito emocionante! Parceria, contemplação. Eu fui e me reencontrei, mas não sei quem é. (suspirou forte!). É isso.

Terceira e quarta etapa: mulher espiritual e mulher sábia

- C: Essa foi a mais tocante e emocionante. A porta tinha uma luz, a primeira porta tinha fumaça, sabe onde tem a luz, sabe quando você está no escuro e a luz vem e fica embaixo e a fumaça saindo. (infelizmente! Riu). Então a segunda era uma porta normal, mas a terceira era uma porta iluminada, quase como um arco-íris. Foi a melhor sensação claro. Foi mudando a vibração da primeira porta pra essa. A terceira foi aonde eu me senti mais confortável, sem medo, sem medo de entrega e foi aonde eu fui embora, mas também tem todo um processo de elevação de vibração talvez. Na primeira rolou o negócio do tabu, na segunda a resistência de entrega pelo meu momento e, na terceira, eu consegui me soltar, e fui mesmo. Na hora que você falou pra voltar eu não queria voltar, aí eu já entrei na outra porta, passei direto, senti a energia do Todo. Eu e elas (apontou para as outras participantes) éramos uma coisa só e aí, sim, tudo claro, e a roupa era a mesma túnica branca da segunda porta, só que mais iluminada. E a mulher-sábia que você pediu pra gente encontrar, eu já fui passando para a quarta porta, porque pra mim foi a mesma coisa que foi o encontro com o conhecimento. (ficou surpresa, achava que era a mesma porta). A espiritualidade me leva ao conhecimento, talvez seja isso. Eu trouxe a chave comigo, não deixei pra ela não. Guardei no bolso. Você não falou se era para trazê-la ou deixá-la. Ela entregou. Eu trouxe, é dourada. É minha.

- P: Eu acho legal fazer como ela fez assim juntar a terceira com a quarta. Eu também vi assim, as duas juntas. É difícil separar, eu também não consegui separar.

- S: Eu concordo.

- AP: Eu também.

- C: Eu queria falar da mulher, (mostrou uma tatuagem no punho). Isso aqui é o símbolo do sagrado feminino que é a menina, a mãe e a idosa dos celtas. A idosa a gente pensa na idosa, que tem a sabedoria, mas eu não vi uma mulher velha, eu vi uma mulher madura, mais velha que a gente. Linda! Linda! Uma mulher linda! Não sei se vocês leram “A Cabana”, o autor encontra uma mulher sentada numa sala que vai fazer o julgamento, é a descrição daquela mulher. Cabelo longo, castanho claro, nem loiro e nem moreno, marcas do tempo. Linda! Linda! Também de túnica azul, cabelo meio preso por uma pequena jóia e a roupa não era fluída, era uma túnica de um veludo azul meio claro e meio escuro. Talvez medieval. Ela me passou a sabedoria do Todo. Ela é o conhecimento. O conhecimento com amor imensurável em relação a mim e a todos. Porque ali, quando eu passei essa porta, já não era mais individualizada. Eu era eu, mas éramos todas aqui. Eu não pensei nelas individualmente, mas eu não era eu individualmente. Foi muito boa essa sensação de união, de amor pleno, de alma. O amor pleno como meta final. (Houve um momento de gratidão porque a pesquisadora se emocionou).

- S: Obrigada você pelo carinho que recebeu agente!

- P: Você não tem idéia o bem que me fez!

- AP: Nunca fiz nada igual. Adorei! Obrigada!

- C: Sobre as mulheres, pensei na minha mãe, minhas tias, prima, minha filha, avó e amigas.

- S: A terceira porta não tinha cor, mas essa porta vinha um cor-de-rosa e um dourado junto. Uma porta muito iluminada e parecia que, quando eu estava fazendo a passagem por essa porta, o caminho já estava florido. Sabe quando você já vê como se estivesse uma passarela com flores no caminho. Uma porta muita iluminada, foi a que mais me chamou a atenção e o tempo todo vendo luzes rosa e lilás. Sabe quando você vê essa transformação que parece que eu entrei em contato com o meu “eu” mais íntimo e aí é uma sensação de leveza, de tranquilidade e de que você faz parte do Universo, que faz parte do Todo e que eu sou uma centelha divina. Que propósito que nos uniu hoje. Revi as verdadeiras amizades, as pessoas que foram sendo colocadas no meu caminho. Uma sensação de agradecimento, de gratidão, de contemplação e de paz. A sensação maravilhosa de você sentir que você faz parte de um Todo e que você está no Universo. As coisas que chegam a

você, as coisas que você recebe, que transmite e essa troca. Uma sensação de plenitude, sensação de estar plena. “Não cai uma folha sem o consentimento Dele, Deus”. Foi uma das mais bonitas e emocionantes. Foi a porta que mais me tocou. Na quarta porta parecia que eu estava entrando na biblioteca da vida. Sabe vários livros, como se cada livro fosse uma história, uma vida. Como se naquela hora havia me sido entregue além da chave, um cálice, o meu livro da vida, e tinha mais uma coisa que agora me fugiu. Alguém me colocou e me deu a chave do conhecimento, o livro da vida e o cálice. A figura que me veio foi uma mulher madura, muito bonita e que exalava esse conhecimento e essa sabedoria e, ao mesmo tempo, quando acabou eu pensei era Maria Madalena a visão que eu tive. Ela apareceu pra mim que é a sabedoria. Pra mim era Maria Madalena. Como será que foi Maria Madalena fisicamente? Não sei como que ela foi e será que foi ela que eu vi? Resumindo, se tinha que materializar esse conhecimento, pra mim foi ela. (S. foi a última a retornar das vivências, parecia estar muito relaxada e longe) Não houve despedida, a sensação é que eu trouxe e ganhei tudo isso nessa vivência e não vou me despedir. Isso é meu.

- P: A terceira porta foi um olhar para dentro e foi como se eu tivesse fazendo uma retrospectiva da minha história. Foi como se eu estivesse fazendo um balanço de coisas difíceis, de fraquezas, de conquistas, de dificuldades. Vários flashes vinham na minha cabeça de experiências de vida, conquistas e falhas e aquilo foi me mostrando um caminho como se estivesse recolhendo experiências e aquilo me levando para um sentimento de: Puxa! Estou conseguindo! Estou caminhando, recolhendo tudo isso de bom, de ruim que eu já passei e estou construindo outra coisa. Sentimento de segurança, de vontade de realizar e sentimento forte de capacidade em reviver coisas boas. Mas foi muito mais um flash-back, de olhar pra minha vida e me ver em situações difíceis, situações mais fáceis, mas de um caminhar. E tudo isso me jogou realmente pra quarta porta, uma projeção para quarta porta de olhar para as mulheres que eu tenho admiração.

- S: Você me lembrou, me veio a minha mãe. Vendo as mulheres presentes na minha vida, a minha sogra com todas as dificuldades de relacionamento, mas elas são mulheres sábias. Você vê que, na simplicidade da minha mãe, que é uma pessoa super simples e humilde, eu vejo quanta sabedoria ela tem e, de repente, eu não estava conseguindo nem enxergar isso. Você vê que na simplicidade dela, a grandeza de espírito que ela tem. Foi lindo! (chorou demonstrando muita emoção).

- P: Eu pensei nisso, nas mulheres eu pensei na minha mãe que é uma pessoa que eu tenho uma relação muito difícil, mas que eu admiro. Nós somos muito diferentes, nós brigamos muito, somos muito diferentes, mas eu admiro a força dela, a persistência e o quanto ela se supera, ela cai, ela levanta e ela consegue. Eu pensei muito em pessoas como minha supervisora que foi uma pessoa muito importante e morreu e eu tenho pensado muito nela. Uma pessoa que estava muito próxima e me dava uma palavra de coragem, de força. Então assim, acho que teve esse momento de olhar pra isso e de repente eu comecei a pensar nas pessoas que estão mais próximas de mim, porque eu me lembrei de mulheres mais velhas de sabedoria e, de repente, eu pensei em pessoas amigas, colegas que eu admiro. Então assim, uma amiga que está na África que também é psicóloga e está fazendo um trabalho, que largou tudo. Largou os amigos, a família, tudo e está fazendo um trabalho dedicado a pacientes de HIV. Eu me lembrei dela e pensei: Essa mulher é demais! Eu admiro essa mulher. Então o quanto o pouquinho de cada uma delas eu quero ter dentro de mim. Foi um fechamento bem gostoso, poder pensar nessas pessoas que são muito queridas e amadas.

- V: Esse caminho que você percorreu e viu flashes da sua vida representa o quê?

- P: Eu vi meu trabalho interno, de vida que eu tive que percorrer pra conseguir me transformar e chegar naquilo que sou hoje como mulher e ser humano. Acho que meu caminho foi árduo, mas muito recompensador. Só com esse olhar pra dentro pude ver a vida de outra forma, talvez mais humana e espiritualizada. Eu gostei muito de ter participado. Que bom que eu vim!

- C: Eu não acredito como algumas pessoas passam uma reencarnação inteira dormindo. Pra mim não se chega ao sagrado sem o autoconhecimento.

- P: Nós fazemos um esforço danado, fazemos isso, fazemos aquilo, fazemos terapia, fazemos vivências e queremos sempre entender e apreender. Pra mim a busca do conhecimento é essencial. Saber ouvir, saber falar, se expressar, se conhecer, conhecer as pessoas e se transformar são primordiais para o ser humano.

- AP: Na terceira eu me vi num ambiente muito urbano, muito dia-a-dia, na cidade, o nosso dia-a-dia, o cotidiano. Todos os lugares que eu vou. Eu tenho uma vida bem ativa. Eu me vi nesse meio e eu me vi sendo o elo como um elemento harmonizador, um elemento que une as pessoas, harmoniza os ambientes. Alguma coisa como se eu que unisse um lado com o outro e uma ternura nas pessoas, as

peessoas muito simples, um olhar. O tempo todo tinha muita ternura. Um olhar de muita compreensão com as pessoas, mesmo as mais simples, as mais atrapalhadas, as mais limitadas. Compreensão, muita compreensão.

- V: Você trouxe o amor Universal para o seu dia-a-dia?

- AP: É no dia-a-dia. Eu via as pessoas e eu estava no dia-a-dia, a cidade urbana, trânsito, pessoas indo e vindo, mas eu não estava acelerada, eu estava mais lenta. É como se eu visse aquela agitação toda e eu estou lenta no meio da agitação olhando ao redor, mas num outro ritmo. Eu não estava naquele ritmo das pessoas, eu estava observando, contemplativa. Observando as pessoas e um olhar muito de compaixão, muito de harmonização, como se eu fosse o elemento que une e harmoniza as coisas antagônicas, as brigas.

- C: Isso me lembra a prece de São Francisco de Assis. “Senhor fazei de mim o instrumento de tua paz. Onde haja ódio permita que haja amor”. Essa prece é maravilhosa!

- AP: É isso mesmo! Olhem eu estou arrepiada! Eu estava calma e aquela agitação das pessoas e do cotidiano e eu apaziguando, harmonizando, unindo. Harmonizando mesmo. Bom, na quarta foi bem legal, primeiro, eu tentei pensar numa biblioteca, mas não rolou. Não era uma coisa assim num ambiente externo, eu tentava pensar em livros, mas os livros eram transparentes e se transformavam em anjos. Muito legal! (demonstrou muita alegria!). Muito louco! Sabe como aquele filme romântico que um anjo se apaixona por uma médica mortal “Cidade dos Anjos”. Os anjos eram iguais àqueles que ficavam assim no alto e eles vinham conversar comigo. Então, quando eu queria ler um livro, o livro era transparente, aí o livro se transformava num anjo daquele tipo do filme e ele vinha e falava comigo e conversava passando o ensinamento do livro. Era a conversa e era um ambiente como se fosse uma sala aberta, só tem o teto, uma coisa assim, só tem o piso, sei lá. Era aberto ao redor e ficava pairando no ar, em cima da cidade, em cima do mar, do oceano, dos lugares. Cada hora que eu olhava para baixo era outro lugar, mas era bem alto, bem alto, como se tivesse voando num avião. Olhava lá pra baixo e via tudo pequeno e ali era uma biblioteca desse jeito meio louco. A mulher era ruiva, uma roupa meio medieval, cabelo longo e preso, uma coisa de mãe. Parecia minha mãe, mas minha mãe não é assim, mas era como se ela fosse a minha mãe. Ela me abraçava e eu me encostava como uma mãe, para mim era minha mãe ali. Uma mãe! (ressaltou). Ela não era velha, ela era uma mulher madura, nada jovem, mais

ou menos com a nossa idade. Ela me dava a chave e falava assim: É tua a chave. Foi como se ela dissesse: Esse é seu papel no mundo, vai e faz, faz o que você tem que fazer. Foi bem emocionante e eu me senti assim: Estou pronta! Quando eu pensava nas mulheres, eu sempre pensava em mulheres que são parceiras de grandes homens, que fazem um trabalho e tem ações muito discretas. As que dão suporte. Eu queria lembrar uma que não tem um homem ao lado, mas não vinha nenhuma. Todas são parceiras, sabe aquela grande mulher atrás de um grande homem! As grandes mães, as grandes companheiras, esposas. Mas sempre a mulher que dá o suporte, a mulher que dá estrutura, a mulher terra. Ela que dá a base para alguma coisa acontecer. É bem isso mesmo: Todo trabalho de base, todo, todo, físico, material, emocional, espiritual para que alguma coisa aconteça. Acho que a Mãe Terra me veio. É isso!

- V: Agora eu gostaria que vocês observassem essas cartas do feminino e escolhessem a carta da etapa que cada uma mais se identificou. A carta que mais sensibilizou vocês.

- AP: Eu falo primeiro, a carta é o “apetite” porque tem o casal, a parceria, o reencontro da segunda etapa do amor romântico. Foi forte pra mim!

- P: A carta que eu escolhi é “servir” porque tem uma coisa de se doar, de cuidar ligada à última etapa da mulher sábia que foi quando eu me lembrei de todas as mulheres importantes pra mim e todas de alguma forma servem, se doam e cuidam do outro.

- S: A minha carta é a “entrega” que representa a terceira e a quarta etapa. A terceira que é a do amor universal e a quarta das mulheres que transmitem conhecimento. Essas foram as mais fortes pra mim, essa doação e entrega para o Universo, de que você faz parte de um todo, que nós somos uma centelha divina.

- C: Pra mim também a terceira e a quarta foram as que mais me tocaram, que pra mim foi uma só, a carta também foi a da ‘entrega’. Mas ao mesmo tempo a entrega é: Olha estou aqui para servir, mas também para entrar em contato com todas as minhas facetas. A entrega total sem preconceito, sem julgamento comigo mesma em primeiro lugar que eu sei o quanto eu sou crítica. A entrega de ir a essa luz, mas sem deixar de vivenciar todas as sombras. Acho que aí entra Maria Madalena que são todas as mulheres juntas numa só, o pecado e o sagrado estão juntos. Eu estou em busca da espiritualidade e da luz. Não vou me transformar em Virgem Maria. Não estou pronta pra isso. Só existe luz por causa da sombra e vice-

versa. Vivemos num mundo dual. Se a gente não incorporar isso existe o conflito. A entrega nesse sentido. A liberdade de poder exercer tudo o que eu vim fazer aqui como humana, como alma.

- AP: Queria colocar isso aqui também, agora eu vi a imagem do “amor”. Primeiro porque tem o amor que é o que mais me tocou e porque a mulher da imagem tem flores e é como se ela tivesse doando. É uma coisa de doação, de estar para o mundo. Isso ficou bem forte em todas as etapas, é doação, do servir. Levando flores, eu achei isso lindo. Levando flores para o mundo.

- C: Que tem haver com o que você viu no final, de você ser um meio, um elo. Tudo no seu dia-a-dia.

- V: Para finalizar, escolham a carta com que vocês menos se identificaram.

- C: Acho que a carta do “prazer” pela própria dificuldade de entrega, do tabu. Talvez por ser a primeira etapa. Mas no processo todo eu acho que a carta da “paciência” é a mais indicada. Eu sou meio pavio curto. Todo mundo está no caminho, cada um no seu ritmo. Tenho que ter paciência, e não tenho muita pra gente que está dormindo.

- P: Eu me identifiquei com todas as etapas, mas a carta que eu sinto que eu não me identifico é o “divertimento” porque não dá para se brincar num processo de amadurecimento. (todas concordaram!)

- S: Eu também acho isso, não dá para levar na brincadeira.

- C: É um caminho que não é fácil. Deveria ser mais leve. Eu brinco, mas eu não sou leve na minha vida.

- AP: Eu tinha que ser, mas é difícil. Eu também não sou nem um pouco leve, eu tento ser.

- S: Não viemos pra brincadeira, sabemos do compromisso.

-S: Eu me cobro demais compromissos. A minha carta também é “divertimento”. Não consigo achar que esse processo seja feito na brincadeira. Não consegui escolher a carta específica de uma etapa, porque vivenciei todas. Não dá pra escolher uma só. AP: A minha carta também é “divertimento”.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. Z. **O Graal – Arthur e seus cavaleiros**. Goiânia: Dimensão Editora, 1997.

BOGADO, A. P. C. **Maria Madalena: o feminino na luz e na sombra**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1997.

CAMPBELL, J. ; MOYERS, B. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CAVALCANTI, R. **O caminho do Sagrado - A psicologia moderna e a tradição iniciática**. São Paulo: Rosari, 2004.

_____. **O casamento do Sol e da Lua - Uma visão simbólica do masculino e do feminino**. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. **Os símbolos do Centro - A imagem do Self**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

EDINGER, E. **Ego e arquétipo - Uma síntese fascinante dos psicológicos fundamentais de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.

EMMA, J. ; VON FRANZ, M-L. **A lenda do Graal**. São Paulo: Cultrix, 1980.

HARDING, M. E. **Os mistérios da Mulher**. São Paulo: Paulinas, 1985.

JUNG, CARL. G. **O Homem e seus símbolos**. 2. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1977.

JUNG, CARL. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis, R.J: Vozes: 1990. In: Obras Completas, vol. XI/1.

KOLTUV, B. B. **O livro de Lilith – Psicologia e Mitologia**. São Paulo: Cultrix, 1986.

LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização - dos medos do eu ao mergulho do ser**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____, Jean-Yves. **Jesus e Maria Madalena**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____, Jean- Yves. **O Evangelho de Maria - Miryan de Mágdala**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____, Jean-Yves. **Palavras da fonte - Comentários sobre trechos dos evangelhos de Maria e Tomé**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação – O programa de educação em Valores Humanos**. São Paulo: Editora Peirópolis, 1996.

QUALLS – CORBETT, N. **A prostituta sagrada - A Face Eterna do Feminino**. São Paulo: Paulus, 1990.

PENNA, E.M.D. **O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa**. Revista de Psicologia da USP. São Paulo: Edusp, 2004, vol. XV, pp. 71-92.

PEREIRA, M. R. G. **Apostila do curso de especialização em Abordagem Junguiana: Leitura da realidade e metodologia de trabalho. Módulo III: Desenvolvimento de uma metodologia em psicologia analítica**. Disciplina: instrumentos e métodos de trabalho. São Paulo: COGEAE – PUC – SP. 1999.

PIRES, V. F. **Lilith e Eva - Imagens Arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

ROSSETTI, D. G. **A Amada**. In: STARBIRD, M. Maria Madalena, a Noiva no Exílio. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANFORD, J. A. **Mal o lado sombrio da realidade**. São Paulo: Paulus, 1988.

SEBASTIANI, L. **Maria Madalena - de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1995.

SHARP, D. **Léxico Junguiano: Dicionário de Termos e Conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1991.

STARBIRD, M. **Maria Madalena e o Santo Graal – A mulher do vaso de alabastro**. São Paulo: Sextante, 2004.

STEIN, M. **Jung – O mapa da Alma**. São Paulo: Cultrix, 1998.

TOMMASO, W. S. **Último Andar**. São Paulo, 2006.

TRÊS INICIADOS. **O Caibalion - Estudo da Filosofia Hermética do antigo Egito e da Grécia**. São Paulo: Pensamento, 2006.

TURATO, E. R. **Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características**. Revista Portuguesa de Psicossomática. Vol. 2 número 1. Jan/jun. 2000.

VON FRANZ. **Anima – o elemento feminino**. In: JUNG, C. G. (org). O homem e seus símbolos. 2. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1977. Cap.3, p.177-188.

WEBER, J. **Maria Madalena**. In: STARBIRD, M. Maria Madalena, a Noiva no Exílio. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITMONT, E. **A busca do símbolo – Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____, **Retorno da deusa**. São Paulo: Summus editorial, 1991.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. **Ao encontro da sombra – O potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana**. São Paulo: Cultrix, 1991.